



# TOMATE

## GESTÃO SUSTENTÁVEL

Apesar da pressão dos custos,  
a atividade permanece rentável



# Vamos além para alimentar com mais qualidade.

Para melhorar a qualidade e a produtividade da sua lavoura, a DuPont oferece tecnologias de alta performance através da eficiência do DuPont Programa Tomate, que pode ser comprovada em campos tratados por todo o Brasil. Para ir além mais uma vez, descubra DuPont Programa Tomate.

*Tradição e confiança na obtenção dos melhores resultados.*



**ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.** Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2014 DuPont. Todos os direitos reservados. DuPont Oval Logo, DuPont™ e todos os produtos mencionados com ® ou ™ são marcas ou marcas registradas da E. I. du Pont de Nemours and Company ou de suas afiliadas. Kocide® WDG: marca registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como Kocide® WDG Bioactive. Dez/2014



# DuPont Programa Tomate

DuPont<sup>™</sup>  
Equation<sup>™</sup>  
fungicida

DuPont<sup>™</sup>  
Curzate<sup>™</sup>  
fungicida

DuPont<sup>™</sup>  
Midas<sup>™</sup> BR  
fungicida

DuPont<sup>™</sup>  
Kocide<sup>™</sup> WDG  
fungicida

DuPont<sup>™</sup>  
Rumo<sup>™</sup> WG  
inseticida

DuPont<sup>™</sup>  
Premio<sup>™</sup>  
inseticida

DuPont<sup>™</sup>  
Lannate<sup>™</sup> BR  
inseticida



## PREVENÇÃO

Prevenção da lavoura proporcionando vigor e qualidade desde o início.



## PERFORMANCE

Eficiência na utilização de produtos de alta performance, com resultados comprovados.

Para mais informações:

TeleDuPont   
0800 707 55 17 Agrícola  
[www.dupontagricola.com.br](http://www.dupontagricola.com.br)

O mercado está em busca de profissionais com desejo de inovação, criatividade e liderança. Pessoas que enxergam oportunidades em um mundo em rápida transformação irão se destacar.

## MBA em Marketing USP/Esalq

Prepare-se para esta nova realidade!

Certificação USP  
Aulas online



**MBA**  
ESALQ/USP - PECEGE

Inscreva-se

pecege.esalq.usp.br | Tel.: (19) 3377-0937

comunica@pecege.esalq.usp.br

mbaesalqusp

## EDITORIAL

# PESQUISAS DE CUSTO ENRIQUECEM O ESPECIAL TOMATE HÁ OITO ANOS

Em 2015, o *Especial Tomate* completa oito anos. Neste período, a equipe **Hortifrutti Brasil** acompanhou os custos de produção e avaliou a gestão de propriedades tomaticultoras de mesa. Para fazer essa análise, a equipe tem ido a campo e estudado a fundo a estrutura de custo de duas importantes regiões produtoras: Mogi Guaçu (SP), desde o inverno de 2008, e Caçador (SC), desde a temporada de verão 2010/11.



João Paulo Deleo (esq.) e Tárík Tanus são os autores deste *Especial Tomate* e tiveram coordenação de Margarete Boteon.

Após a publicação de cada *Especial Tomate*, recebemos várias mensagens de leitores ressaltando a importância desse estudo contínuo. No ano passado, o Sr. Taniel Fernandes, de Cabrobó (PE), por exemplo, escreveu que o “*O Especial Tomate* é uma excelente ideia para mostrar a realidade aos aventureiros que se arriscam plantando tomate e jogando a qualidade e os preços para baixo, deixando o tomaticultor em situação difícil.” Outras mensagens de incentivo e sugestões vieram também da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Cada uma é recebida com atenção pela nossa equipe!

Ao concluirmos mais uma rodada de análise da tomaticultura, queremos agradecer a todos os produtores que participaram das reuniões de Painel, tanto em Mogi Guaçu (SP) quanto em Caçador (SC). O Painel é a principal dinâmica (metodologia) que o Cepea adota para coletar e discutir informações de custo de produção com produtores e técnicos de todo o País. Sem essa interação, não teríamos a mesma qualidade de coleta e de análise a respeito da rentabilidade do setor. Além dos produtores, o nosso agradecimento especial também à Epagri de Caçador (SC), por nos estimular a estudar a tomaticultura da região.

A título de comemoração pelo avanço das pesquisas de custo, o *Especial Tomate* 2015 apresenta e analisa a evolução dos custos e da rentabilidade nas duas regiões mencionadas. A conclusão geral é que ambas têm conseguido “fechar a conta”, mesmo com os custos em ascensão. Além da produtividade estar avançando, o volume produzido está “mais controlado” nos últimos anos, o que mantém os preços atrativos.

# Mais. E melhor.



TOMATES



## Projeto mais **Modelo Agrícola de Inovação Sustentável**

A Seminis convida você a visitar o Projeto M.A.I.S durante a Hortitec, uma área planejada e desenvolvida para orientar e fornecer informações importantes para aumentar sua produtividade. Visite o estande Seminis na Hortitec (Setor Azul) para agendar sua visita. Venha conhecer essa novidade!

- Genética de sementes
- Mudanças e enxertia
- Manejo biológico
- Nutrição
- Plasticultura
- Irrigação
- Estufas
- Equipamentos de tecnologias de controle e monitoramento

[www.seminis.com.br](http://www.seminis.com.br)



**Seminis**

## OPINIÃO



### Especial Citros

Muito boa a edição dedicada à citricultura e a abordagem sobre o tem acontecido nos últimos anos no setor. Não acho que os atuais preços estão compensando, dado que os custos de produção, em grande parte devido ao manejo do *greening*, estão maiores que os valores recebidos. Gestão, implantação de boas práticas agrícolas e indicador de utilização de insumos são ferramentas que julgo importantes para o produtor se

manter na citricultura.

**Carlito Reis – São Paulo/SP**

Os preços praticados neste início de safra são melhores que os dos anos anteriores, já estiveram maiores no passado e, para se saber se vão compensar, vai depender do custo de produção. Além das sugeridas na matéria, outras medidas necessárias para o produtor tentar se manter no setor é tratar melhor o pomar com nutrição, correção de solo, pois isso aumentaria a produção e, com certeza, a renda.

**José Mateus Camargo – Tatuí/SP**

Muito boa a edição. Pelo parecer de alguns produtores,

## CAPA 10



Apresentamos nesta edição os custos de produção de tomate atualizados de Mogi Guaçu (SP) referentes às safras de inverno 2014 e 2015, e de Caçador (SC), das safras de verão 2013/14 e 2014/15.

## FÓRUM 42

Carlos Tabajara P. Eloi e Aldo Dal Bosco, os entrevistados do Fórum, explicam como gerenciam os gastos da fazenda de forma a ter bom retorno financeiro com a tomaticultura.

## SEÇÕES

CENOURA		28
TOMATE		29
BATATA		30
FOLHOSAS		31
MELÃO		32
CEBOLA		33
MELANCIA		34
BANANA		36
UVA		37
CITROS		38
MAÇÃ		39
MAMÃO		40
MANGA		41

## EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP  
ISSN: 1981-1837

**Coordenador Científico:**

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

**Editora Científica:** Margarete Boteon

**Editores Econômicos:**

João Paulo Bernardes Deleo, Renata Pozelli Sabio, Leticia Julião e Larissa Gui Pagliuca

**Editora Executiva:**

Daiana Braga MTb: 50.081

**Diretora Financeira:** Margarete Boteon

**Jornalista Responsável:**

Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

**Revisão:**

Daiana Braga, Alessandra da Paz e Flávia Romanelli

**Equipe Técnica:**

Amanda Ribeiro de Andrade, Ana Luísa Antonio Pacheco, Carolina Camargo Nogueira Sales, Erika Nunes Duarte, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Gabriela Boscarol Rasera, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo, Mariana Coutinho Silva, Marília de Paula Stranghetti, Patricia Geneseli e Tárík Canaan Thomé Tanus.

**Apoio:**

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

**Diagramação Eletrônica/Arte:**

Guia Rio Claro.Com Ltda  
19 3524-7820

**Impressão:**

www.graficamundo.com.br

**Contato:**

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfcepa@usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



### HF BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifruti Brasil no site:

[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)

[@hfbrasil](https://twitter.com/hfbrasil)

[@hfbrasil](https://facebook.com/hfbrasil)

[@revistahortifrutibrasil](https://facebook.com/revistahortifrutibrasil)

[hortifrutibrasil.blogspot.com](http://hortifrutibrasil.blogspot.com)

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse [www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade), faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

os preços desta safra não recuperam, ainda, as perdas anteriores, mas mantêm a cultura viável. Não adianta subir preço de produtos agrícolas em função da alta do dólar, isso é ilusório. Deveria haver um ganho real com diminuição de carga tributária, por exemplo, e economia de materiais dentro da propriedade, desde o mais básico até a manutenção de maquinários.

**Hamilton José Bernussi – Jundiaí/SP**

Muito bom o *Especial Citros*. Realmente, os preços estão melhores, mas o problema são os prejuízos acumulados em anos anteriores, que são muito elevados. Se esse preço bom não se mantiver nos próximos anos, será difícil continuar na citricultura. Uma boa alternativa para reduzir os custos na fazenda é a tecnologia de aplicação defensivos.

**Ronival Stahl – Águas de Santa Bárbara/SP**

Achei a edição bem elaborada e criteriosa, e pode auxiliar o produtor rural no planejamento das atividades citrícolas. Os atuais preços ainda não estão compensando. Acho que o preço mínimo para o produtor tem que ser de R\$ 16,00/cx. Precisa ter mais transparência no setor. A citricultura é uma atividade de alto risco e alto custo de investimento. O produtor precisa saber os estoques das indústrias de suco de laranja e dados do mercado consumidor de suco de laranja (presente e projeções futuras). Atualmente e nos próximos anos, o produtor que comercializa a fruta com a indústria necessitará do subsídio do governo (valor maior do que é pago atualmente) para se manter na atividade. Entre raras exceções, o citricultor está endividado e tendo prejuízo durante safras seguidas.

**Christian Turra – Piracicaba/SP**

## ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

**Hortifruti Brasil** - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)  
ou para: [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br)

## 14 anos de HF Brasil



informação com credibilidade.

**Sávio Marinho – Delfinópolis/MG**

## Escassez de mão de obra



tar perdas no campo.

**Anderson – Belo Horizonte/MG**

A *Matéria de Capa* da edição de abril é bastante informativa sobre a história da publicação e dos métodos de pesquisa. Leio também a seção de banana. Acho que poderiam ampliar a análise de modo a incluir os efeitos da estiagem de 2014 sobre a produtividade e sazonalidade da produção em 2015. No mais, a revista é sempre uma ótima fonte de

Tornar a atividade HF atrativa financeiramente para o trabalhador é um grande desafio. Outro ponto é mecanizar ao máximo as atividades para elevar a eficiência do trabalhador. Além do esforço para melhorar a produtividade da mão de obra, para se manter no ramo, o agricultor ou empresário rural deve também minimizar gargalos na comercialização, no transporte e evitar

"O uso de um indutor de resistência que não causa perda no calibre do tomate, como é o **Agro Mos**, nos ajudou muito. Antes usávamos outros indutores, mas sabemos dos efeitos negativos que eles causam na planta."

Lauro Andrade, Grupo Irmãos Andrade



# PROTEÇÃO ATRAVÉS DA NUTRIÇÃO.

## Comprando HF pela embalagem

Por Leticia Julião

Em 2015, a *MeadWestvaco Corporation*, empresa líder no segmento de embalagens, publicou a segunda edição de uma pesquisa sobre o papel da embalagem na decisão de compra dos consumidores. Foram entrevistadas 5.075 pessoas em todo o mundo, sendo 754 brasileiras. Os resultados mostram que os consumidores daqui estão entre os que mais se importam com a embalagem do produto antes da compra: 52% dos brasileiros acham a embalagem um item essencial para a satisfação na compra, enquanto que a média global é de 31%. No Brasil, mais de 50% dos entrevistados já testaram um novo produto por conta da embalagem atrativa e muitos acreditam, também, que a embalagem pode deixar o produto mais seguro. E aí? Vamos investir em embalagem para o consumidor de HF? Quer saber mais sobre esta pesquisa? Acesse: <http://goo.gl/TUpOSI>. A **Hortifruti Brasil** também já publicou uma matéria sobre embalagens em HFs na edição 137, de agosto/14, disponível em nossa página: <http://cepea.esalq.usp.br/hfbrasil>.

## Terceirização da colheita pode se tornar legal

Por Larissa Gui Pagliuca

O polêmico Projeto de Lei 4.330/04, referente à regulamentação da terceirização de atividades-fim foi aprovado pela Câmara dos Deputados no dia 22 de abril e, agora, aguarda votação no Senado. Segundo alguns especialistas do agronegócio, se aprovada, a terceirização possibilitaria ao agricultor contratar uma empresa especializada em determinada atividade ou mesmo mão de obra sazonal, por um período específico, durante a colheita, por exemplo. Contudo, é preciso que os legisladores avaliem com cautela impactos sobre o trabalhador.

## França proíbe desperdício de alimentos de grandes redes varejistas

Por Daiana Braga

Foi aprovada na Assembleia Nacional da França no dia 21 de maio uma emenda que proíbe que supermercados com mais de 400 metros quadrados joguem alimentos no lixo. Se aprovada pelo Senado francês, as redes varejistas terão que firmar acordos até 2016 para doar alimentos não vendidos à ração animal ou produção de adubos agrícolas. As redes varejistas que não cumprirem as novas leis poderão ser sujeitas à prisão de até dois anos e multas de até 75 mil euros (o equivalente a R\$ 257.770,00). Conforme a FAO, órgão da ONU para alimentação e agricultura, por é jogado no lixo 1,3 bilhão de toneladas de alimentos no planeta. São números impressionantes que podem instigar a reflexão não só da população da França como do mundo todo.

## A HF Brasil por aí

A pesquisadora analista de mercado do Cepea Fernanda Geraldini (fotos radar 1 e 2) participou do evento "Tópicos Avançados de Citros" no dia 29 de abril na Unesp de Jaboticabal (SP), a convite do professor Luiz Carlos Donadio. Fernanda ministrou a palestra "Mercado Atual & Perspectivas de Laranja" a citricultores e estudantes.



Leticia Julião, Júlia Garcia e Lucas Araújo participaram feira da Associação Paulista de Supermercados (APAS) no dia 06 de maio. No evento, se reuniram com fornecedores de frutas, alguns, inclusive, colaboradores do projeto Hortifruti/Cepea. Na foto radar 3, estavam com Cláudio Basso, da Rasip, e também com produtores de banana no estande do Sebrae/MG (foto radar 4).



Também da equipe Cepea, Daiana Braga visitou, no dia 9 de maio, a fazenda de laranja Santa Eliza, do grupo Santa Maria, em Santo Antônio de Posse/SP (foto radar 5) e também o *packing house* Alfa Citrus, em Engenheiro Coelho/SP (foto radar 6). A visita técnica faz parte do curso de MBA em Agronegócios do Pecege/Esalq e foi organizada por Gilberto Tozatti, do Gconci. Daiana conheceu de perto a produção de laranja destinada tanto para o mercado *in natura* quanto para a indústria, além de entender melhor o beneficiamento e distribuição da fruta ao varejo.



Knowledge grows

**Mais sabor, mais vida.**

YaraLiva é a linha de nitrato de cálcio da Yara, para uso via fertirrigação ou via solo, permitindo o fornecimento as plantas de nitrogênio nítrico e cálcio solúvel em água. Para aplicações via solo, existe a linha YaraLiva NKÁLCIO, que conta também com potássio na sua composição para uma adubação completa de cobertura de inúmeros cultivos.

Para saber mais, acesse: [www.yarabrasil.com.br](http://www.yarabrasil.com.br)



**YaraLiva**®



# GESTÃO SUSTENTÁVEL

## Apesar da pressão dos custos,

Pesquisas da **Hortifruti Brasil** mostram que os custos do tomate de mesa, por hectare, “explodiram” nos últimos anos em duas importantes regiões que ofertam nas safras de inverno e verão, respectivamente, Mogi Guaçu (SP) e Caçador (SC). Apesar disso, a rentabilidade se manteve positiva em quase todas as temporadas analisadas; a exceção foi a safra 2011/12 de Caçador. Isso tem sido possível graças aos preços elevados do tomate e ao ganho de produtividade que, apesar de ter recuado em algumas safras, em médio prazo, se mostra bastante positivo, indicando a profissionalização do setor.

A discussão detalhada que segue sobre os custos

da tomaticultura em Mogi Guaçu e em Caçador é baseada em levantamentos primários da equipe **Hortifruti Brasil/Cepea** nessas regiões e reflete as situações típicas ou predominantes em cada localidade. Portanto, os resultados individuais, de cada produtor, podem ser distintos, dependentes do desempenho obtido em uma série de fatores destacados na página 13.

Na região de Mogi Guaçu (safra de inverno), entre 2008 e 2015, os custos por hectare aumentaram 70% em termos nominais e 14% em termos reais (valores atualizados pelo IGP-DI de abril/15). Em Caçador (safra de verão), as pesquisas da **Hortifruti Brasil** começaram na temporada 2010/11 e, de lá para cá, o custo nominal médio da pequena e da grande escalas (ambas são típicas na região) avançou 44%; ao ser descontada a inflação do período, o encarecimento da produção é de 15%.

### EVOLUÇÃO DE CUSTOS NOS ÚLTIMOS 8 ANOS EM MOGI GUAÇU

Itens	2008*	2015	Variação (%) 2008-2015
A. Mão de obra	14.505,14	26.295,94	81%
B. Operações mecânicas	2.824,26	3.139,40	11%
C. Fertilizantes	15.497,82	12.269,64	-21%
D. Defensivos	9.798,08	11.268,53	15%
E. Sementes	4.322,01	3.456,42	-20%
F. Viveirista	393,45	495,00	26%
G. Replântio	-	400,14	-
H. Irrigação	2.920,19	1.650,00	-43%
I. Arrendamento da terra	1.847,54	1.652,89	-11%
J. Despesa com utilitários	270,95	1.041,22	284%
K. Despesas gerais	6.022,01	5.658,67	-6%
L. Financiamento do capital de giro	4.281,66	3.843,52	-10%
M. Infraestrutura (reposição/manutenção)	2.823,60	2.484,97	-12%
<b>N. Custo Operacional (CO) = A + B +...+ M</b>	<b>65.506,71</b>	<b>73.656,34</b>	<b>12%</b>
O. CARP	7.235,38	9.199,50	27%
<b>Custo Total (CT) = N + O</b>	<b>72.742,08</b>	<b>82.855,84</b>	<b>14%</b>
Produtividade em caixas	3.300,00	4.400,00	33%
<b>Custo (R\$/cx)</b>	<b>22,04</b>	<b>18,83</b>	<b>-15%</b>

\* Os valores reais foram obtidos por meio da correção da inflação pelo IGP-DI de abril de 2015.

# RENTÁVEL - TOMATE

## a atividade permanece rentável

O ganho de produtividade em Mogi Guaçu foi de 33% nos últimos oito anos, saltando de 3.300 caixas por hectare para 4.400 caixas. Assim, em termos nominais, o custo unitário (R\$/cx.) teve reajuste de 27,5% entre 2008 e 2015, mas em valores reais (já descontada a inflação), tornou-se 15% menor.

A produtividade também aumentou em Caçador (SC) entre as safras 2010/11 e 2014/15, mas apenas 4%, não sendo suficiente para compensar o encarecimento da produção. Em valores reais, o custo médio da caixa de tomate (considerando-se a pequena e a grande escalas típicas da região) foi 11% maior na temporada 2014/15 do que em 2010/11.

Em termos de rentabilidade por safra, Mogi Guaçu (SP) “fechou no azul” em todas as oito temporadas analisadas – teve margem de ganho real e nominal positivas de 2008 a 2015. O desempenho de Caçador

(SC) também tem sido predominantemente positivo nos cinco anos de pesquisa, mas, em 2011/12, ficou no vermelho – margem nominal e real negativas.

Comparativamente, Caçador tem tido aumento de custos por hectare maiores que os registrados para Mogi Guaçu e a sua produtividade não tem avançado tanto quanto na região paulista. Embora os preços tenham melhorado nas últimas três temporadas de verão (vendas de Caçador), não alcançaram os patamares obtidos pela região paulista no inverno.

Em sua oitava edição, o *Especial Tomate* mantém a tradição e traz os custos de produção detalhados item a item. Neste ano, as informações se referem às safras de inverno de 2014 (valor final) e de 2015 (estimativa) da região de Mogi Guaçu e das safras de verão 2013/14 e 2014/15 (consolidadas) na região de Caçador (SC) a partir da página 14.

### EVOLUÇÃO DE CUSTOS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS EM CAÇADOR

Itens	2010/11*	2014/15	Varição (%) 2010/11-2014/15
A. Mão de obra	19.746,67	22.020,60	11,52%
B. Operações mecânicas	2.647,14	2.983,80	12,72%
C. Fertilizantes	9.087,50	9.873,81	8,65%
D. Defensivos	5.445,19	9.980,69	83,29%
E. Sementes	3.983,56	3.640,00	-8,62%
F. Viveirista	807,18	715,00	-11,42%
G. Replântio	394,35	360,13	-8,68%
H. Irrigação	753,07	1.029,00	36,64%
I. Infraestrutura (reposição/manutenção)	2.824,49	3.444,88	21,96%
J. Despesa com utilitários	1.185,56	1.154,68	-2,61%
K. Despesas gerais	8.437,37	9.812,94	16,30%
M. Custo da terra**	1.496,17	1.750,00	16,97%
L. Financiamento do capital de giro	2.502,35	4.055,74	62,08%
<b>N. Custo Operacional (CO) = A + B + ... + M</b>	<b>59.310,62</b>	<b>70.821,25</b>	<b>19,41%</b>
O. CARP	7.653,65	6.421,58	-16,10%
<b>Custo Total (CT) = N + O</b>	<b>66.964,27</b>	<b>77.242,83</b>	<b>15,35%</b>
Produtividade em caixas	3.320,00	3.450,00	3,92%
<b>Custo (R\$/cx)</b>	<b>20,17</b>	<b>22,39</b>	<b>11,00%</b>

\* Os valores reais foram obtidos por meio da correção da inflação pelo IGP-DI de abril de 2015.

\*\* Média entre o custo do arrendamento do produtor de grande escala de produção e do custo de oportunidade da terra do produtor de pequena escala de produção.

**Nota:** Os valores de custo para cada ano foram obtidos através de uma média simples entre os custos de produção da pequena e da grande escala de produção, bem como a produtividade da região.



## EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM OS CUSTOS DO TOMATE

Com base nos levantamentos do custo de produção em Mogi Guaçu (SP) nos últimos oito anos e, em Caçador (SC), nos últimos cinco anos, a equipe **Hortifruti Brasil** avalia os principais itens que compõem o custo de produção de tomate de mesa. Acompanhe!

### Mão de Obra:

A mão de obra tem limitando a expansão da cultura nos últimos anos. Além do aumento dos gastos, há dificuldade para se manterem aqueles que já trabalham no setor e também para atrair novos. Em lavouras de tomate tutorado, sistema mais comum para o cultivo do fruto de mesa, poucas atividades são passíveis de mecanização.

Nas duas regiões analisadas, o custo da mão de obra subiu mais que a inflação nas últimas safras. Em Mogi Guaçu, já descontada a inflação, o dispêndio com trabalhadores aumentou 81% (gasto por hectare) entre 2008 e 2015. Em Caçador, a aumento por hectare foi menor nos últimos cinco anos, mas também expressivo, de 11% em termos reais (já descontando também a inflação).

Um dos principais motivos dessa alta foi o reajuste anual do salário mínimo acima da inflação. Além disso, é preciso tornar a atividade atraente aos trabalhadores. Nesse sentido, em Mogi Guaçu, a bonificação aos temporários, antes atrelada ao resultado do negócio, passou a ser paga por caixa colhida. Assim, mesmo em um ano de prejuízo, o funcionário recebe a gratificação. Levando-se em conta que o funcionário fixo já recebia uma bonificação com base na receita bruta, o tomaticultor, desde de 2014, tem pago bônus a todos seus funcionários, independente da rentabilidade líquida.

### Irrigação:

A disponibilidade de água é outro fator que tem inibido a expansão da área cultivada, sobretudo nos últimos dois anos, devido à falta de chuvas principalmente no Sudeste. Essa restrição levou produtores a adotarem o sistema de gotejamento, que economiza água, mas requer maior investimento. Na região de Mogi Guaçu, por exemplo, a amortização anual (CARP) do sistema de irrigação subiu de R\$ 724,63/ha (sulco) para R\$ 2.379,14/ha (gotejamento).

### Custos administrativos (despesas gerais):

A expansão desse item dos custos reflete o maior dispêndio, por exemplo, com mão de obra administrativa e combustível, além de ter sido reajustado o pró-labore do produtor.

### Defensivos:

O gasto varia de um ano para outro influenciado principalmente pelo clima (maior ou menor intensidade de uso) e preço (atrelado em boa parte ao valor do dólar). No geral, a tendência é de alta nos gastos com defensivos tanto pela alta do dólar quanto pelo maior investimento no uso desse insumo, em função da rentabilidade positiva obtida nos últimos anos.

Em Caçador, o dispêndio com defensivos por hectare aumentou 83,3% acima da inflação entre as safras 2010/11 e 2014/15. Tal fato é explicado não só pelo aumento nos preços do produto, mas por uma possível mudança de tecnologia, com o uso de formulações mais caras – graças aos bons preços do tomate nas últimas safras. Além disso, influenciam também mudanças no manejo, com aumento das aplicações em função também dos bons preços nas últimas safras e do clima chuvoso no último ano na região catarinense.

### Fertilizantes:

Atualmente, as recomendações de fertilizantes para a cultura do tomate são condizentes com a produtividade almejada. O tomate, por ser uma cultura propagada através de sementes e, em geral, comercializadas por empresas privadas, recebe uma boa assistência técnica tanto no quesito fertilidade como manejo da cultura por parte dessas empresas, de modo a ser obtido o melhor resultado do seu material genético. No geral, a quantidade aplicada de fertilizantes é elevada, mas quando analisada, por exemplo, a região de Mogi Guaçu, houve redução nos gastos (em valores reais) com esse componente entre 2008 e 2015. Além de o dispêndio ter diminuído, a produtividade na região aumentou no período, o que pode sinalizar uso mais racional do insumo. Já em Caçador, houve aumento real do gasto com fertilizante, o que se explica por uma melhora do manejo da cultura na região.

### Semente:

Os gastos com este insumo aumentaram, porém menos que a inflação no período. Em termos reais (já descontada a inflação), o gasto com sementes diminuiu nos últimos anos tanto em Caçador quanto em Mogi Guaçu. Uma possível explicação é a concorrência entre as empresas, embora haja materiais específicos e que se adaptam melhor para uma ou outra região.

### Operações mecânicas:

Os gastos por hectare estão diretamente ligados ao preço do óleo diesel e à intensidade do uso de máquinas e vêm aumentando acima da inflação. Em Mogi Guaçu, o aumento real do gasto nos últimos oito anos foi de 11% por hectare e, em Caçador, de 12,7% por hectare em cinco anos.

### Arrendamento:

O valor do arrendamento oscila de um ano para o outro em função da demanda por terras na região e também pela perspectiva de preços do tomate. Em termos reais, quando se compara 2015 com 2008, o arrendamento de terras na região de Mogi Guaçu subiu menos que a inflação. Já em Caçador (SC), somente as propriedades de maior porte arrendam terras para o plantio e, nesses casos, o arrendamento teve alta mais expressiva, de 12%, na última temporada (2014/15).

### CARP:

O custo fixo tem pouca alteração de um ano para o outro. Ele está atrelado principalmente à variação dos preços de aquisição de máquinas, implementos e benfeitorias, à alteração desses itens e ao custo de oportunidade do capital investido na aquisição desses bens. Em Mogi Guaçu, o CARP teve reajuste de 27% acima da inflação nos últimos oito anos, devido principalmente à troca do sistema de irrigação de sulco por gotejamento. Em Caçador (SC), apesar dos recentes investimentos em custo fixo, o aumento nos últimos anos ficou abaixo da inflação no período.

# VALE A PENA INVESTIR NA CULTURA DO TOMATE?

Diante de todos os resultados apresentados, uma conclusão preliminar é que a cultura de tomate apresenta elevada rentabilidade, apesar do aumento dos custos nos últimos anos. Ainda que essa afirmação seja feita com base em dados consistentes, não representa garantia de sucesso a qualquer pessoa que decida produzir tomate, pois algumas variáveis internas e externas à atividade impactam sobremaneira o resultado final.

## PRINCIPAIS VARIÁVEIS QUE IMPACTAM NA RENTABILIDADE DA CULTURA DO TOMATE DE MESA

- 1 PRODUTIVIDADE:** Um dos fatores que contribuiu para amenizar o impacto da alta dos custos é o ganho da produtividade. Assim, a lição de casa é maximizar o ganho de produtividade da lavoura com os recursos tecnológicos disponíveis para a cultura.
- 2 OFERTA I:** A rentabilidade positiva do tomate nos últimos anos nas regiões de Mogi Guaçu e Caçador não pode ser explicada somente pelo ganho de produtividade. O volume ofertado em cada safra teve papel importante na definição dos resultados. O recuo da área de cultivo e/ou quebra de produtividade em outras regiões que ofertam no mesmo período das analisadas ajudaram muito na elevação dos preços. Problemas fitossanitários, sobretudo nos últimos dois anos, também comprometeram produtividade em algumas regiões, limitando a oferta e contribuindo para que os preços se elevassem. Assim, mesmo com as adversidades climáticas, os produtores que conseguiram aumentar a produtividade, ampliaram sua rentabilidade. Como a demanda é estável, direcionada exclusivamente para o mercado doméstico, se todos os produtores apresentassem um ganho de produtividade e/ou ampliassem a área ao mesmo tempo, haveria excesso de oferta e pressão sobre as cotações, que, possivelmente, não cobririam os custos. Um ponto importante a destacar é que as duas regiões analisadas, importantes na composição da oferta nacional, não apresentaram excesso de oferta recentemente.
- 2 OFERTA II:** Nos últimos anos, alguns fatores positivos externos ao setor acabaram limitando a oferta do tomate, permitindo bons patamares de preços. A menor disponibilidade da mão de obra, por exemplo, vem inibindo a expansão de área. A falta da água nos últimos dois anos, por sua vez, prejudicou a produtividade de alguns produtores e regiões, o que ajudou a manter relativamente baixa a oferta total.
- 3 PERÍODO DE COMERCIALIZAÇÃO:** os resultados de rentabilidade foram obtidos a partir da média (preço médio x custo médio) de cada safra, como um todo. A análise levou em conta determinada ponderação de venda em cada mês, conforme levantamentos da equipe **Hortifruti Brasil**. Mas, um produtor, em particular, pode ter calendário de comercialização diferente da média considerada e obter resultado distinto do apresentado. A oferta pode ter se concentrado em alguns meses e os preços terem ficado abaixo do necessário para cobrir os custos. Se o produtor restringiu toda ou a principal parcela da sua comercialização neste período, seu resultado será inferior ao avaliado na pesquisa. Esse caso pode ser ainda mais grave se o produtor tiver obtido baixa produtividade e/ou qualidade ruim.
- 4 CAPITAL HUMANO/EXPERIÊNCIA:** Culturas intensivas como o tomate exigem um conhecimento/experiência no plantio, manejo e comercialização. Todas as fases de produção e comercialização requerem conhecimento bastante específico, especialmente para obter as rentabilidades demonstradas neste estudo. Diferente de *commodities* como milho, a produção do tomate de mesa não tem um pacote tecnológico padrão.
- 5 RISCO ECONOMICO X FINANCEIRO:** Apesar de os cálculos apontarem boa rentabilidade para as regiões estudadas, muitos produtores saíram da atividade nos últimos anos. Mas, por quê? Na edição *Especial Tomate 2014*, foi dado destaque à diferença entre o risco econômico e o risco financeiro que incidem na cultura de tomate. O risco financeiro está relacionado à possibilidade de o produtor obter rentabilidade positiva ou negativa no curto prazo. Diz respeito ao fluxo mensal de caixa da atividade. Já o risco econômico refere-se à possibilidade de o produtor ter rentabilidade positiva ou negativa no longo prazo capaz de recuperar os investimentos feitos na cultura. Com base na série histórica que tem sido composta pela **Hortifruti Brasil**, observa-se que a cultura do tomate de mesa tem tido rentabilidade positiva no longo prazo. No entanto, mês a mês, a chance de o produtor ter um resultado negativo é muito alta, dadas as oscilações na oferta e, conseqüentemente, nos valores do produto. E isso é muito comum na cultura de tomate. No balanço, as pesquisas mostram que os preços superam os custos no médio e longo prazo, mas o problema está em o produtor ter caixa/reserva suficiente para aguentar os apertos em determinados períodos. Mais uma vez, ganha destaque a boa gestão do fluxo de caixa da atividade que, no caso do tomate, inclui a recomendação de que seja feita uma reserva suficiente para a cobertura dos prejuízos de curto prazo. Isso é vital para se manter na atividade no longo prazo.

## CUSTO DE PRODUÇÃO DO TOMATE EM MOGI GUAÇU



A equipe **Hortifruti Brasil** se reuniu com produtores e técnicos da região de Mogi Guaçu para apurar os custos de produção consolidados da temporada de 2014 e também a um orçamento para a safra de 2015.

O método de levantamento é o Pannel. Neste novo levantamento, foram observadas poucas alterações na estrutura da propriedade típica da região em relação às duas temporadas anteriores. A escala típica das propriedades de Mogi Guaçu continua sendo de 15 hectares.

Devido à necessidade de rotação de áreas para o cultivo do tomate em decorrência de problemas fitossanitários intrínsecos à cultura, o plantio em terras arrendadas continua representando pelo menos metade da área cultivada, embora haja boa parte da produção em terras próprias. O valor do arrendamento vem se mantendo estável desde a safra 2012, estimado em R\$ 1.652,89 por hectare (calculado a partir do valor por alqueire).

A estimativa para a safra 2015 aponta que o custo de implantação da estrutura de condução do tomate deve se manter estável frente à safra 2014 em R\$ 7.630,00 por hectare – vida útil de três safras ou três anos, no caso de uma safra por ano. No entanto, de 2013 para 2014, houve aumento de 7,2% – há dois anos, o custo para implantação do sistema de tutoramento era estimado em R\$ 7.115,50/ha.

A lista de itens que compõem a infraestrutura é semelhante à dos últimos três anos, sendo que o valor de cada bem

teve aumento de 2013 para 2014 e, na última safra, manteve-se estável. Trata-se de um barracão (desmontável) com vida útil de três anos, que teve reajuste de 20% da safra 2013 para a 2014, mantendo-se em R\$ 18.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 20% de valor residual; um refeitório (desmontável) que também teve reajuste de 2013 para 2014, de 33%, totalizando R\$ 8.000,00, com dois anos de vida útil e taxa de manutenção de 25% ao ano e valor residual de 10% ao ano; e três banheiros, reajustados em 11% em 2014, o que representa R\$ 2.000,00 cada um, com vida útil de aproximadamente dois anos, sem valor residual.

O total de caixas plásticas para a colheita de tomate se manteve em 2.000 unidades, considerando-se a área de 15 hectares.

O sistema de irrigação mais comum na região foi alterado. Até a safra 2013, ainda era por sulco, porém, sobretudo devido ao déficit hídrico dos últimos dois anos, a maior parte dos produtores da região já migrou para o sistema de gotejamento – a captação da água se dá por motor elétrico.

Neste ano, diferentemente dos anteriores, não será considerado o Funrural (CERSS), de 2,3%. Apesar de incidir sobre a receita bruta, em geral, quem paga essa contribuição são os compradores do tomate, e esse valor é descontado do preço que os produtores recebem pela mercadoria.

O inventário de máquinas e implementos é o mesmo desde 2013, conforme descrito abaixo.

### PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE MOGI GUAÇU - SAFRA 2014

Área com tomate	15 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2014	4.400 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendamento
Estrutura básica (desmontável)	3 banheiros, 1 refeitório e 1 barracão para seleção de tomates
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Gotejamento

### DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

- 3 tratores com as respectivas potências: 65, 75 e 100 cv
- 2 carretas de 5 toneladas cada
- 1 arado de 3 discos e 28 polegadas
- 1 tanque de 2 mil litros
- 1 grade aradora de 16 discos de 28 polegadas
- 2 mil metros de mangueira
- 1 distribuidor de calcário de cinco toneladas
- 1 veículo utilitário
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 ônibus
- 1 grade niveladora de 32 discos
- estrutura de irrigação (motobomba + canos)
- 1 sulcador de duas linhas
- 9 pulverizadores costais
- 1 plaina
- 30 enxadas
- 1 pulverizador de 2 mil litros
- 12 cavadeiras

## CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE MOGI GUAÇU (SP) - SAFRAS DE INVERNO 2014 E 2015

Itens	2014		2015		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
<b>(A) Insumos</b>	<b>20.021,68</b>	<b>1,82</b>	<b>23.538,17</b>	<b>2,14</b>	<b>17,6%</b>
Fertilizante (solo e folha)/Corretivo	10.224,70	0,93	12.269,64	1,12	20,0%
Defensivos, adjuvantes e indutores	9.796,98	0,89	11.268,53	1,02	15,0%
<b>(B) Semente</b>	<b>3.456,42</b>	<b>0,31</b>	<b>3.456,42</b>	<b>0,31</b>	<b>0,0%</b>
<b>(C) Viveirista</b>	<b>495,00</b>	<b>0,05</b>	<b>495,00</b>	<b>0,05</b>	<b>0,0%</b>
<b>(D) Replântio</b>	<b>400,14</b>	<b>0,04</b>	<b>400,14</b>	<b>0,04</b>	<b>0,0%</b>
<b>(E) Infraestrutura (reposição)</b>	<b>2.484,97</b>	<b>0,23</b>	<b>2.484,97</b>	<b>0,23</b>	<b>0,0%</b>
<b>(F) Ferramentas de campo</b>	<b>102,00</b>	<b>0,01</b>	<b>102,00</b>	<b>0,01</b>	<b>0,0%</b>
<b>(G) Operações mecânicas</b>	<b>3.008,61</b>	<b>0,27</b>	<b>3.139,40</b>	<b>0,29</b>	<b>4,3%</b>
<b>(H) Irrigação</b>	<b>1.650,00</b>	<b>0,15</b>	<b>1.650,00</b>	<b>0,15</b>	<b>0,0%</b>
<b>(I) Mão de obra</b>	<b>24.347,44</b>	<b>2,21</b>	<b>26.295,94</b>	<b>2,39</b>	<b>8,0%</b>
Meeiros (temporários)	20.750,00	1,89	22.532,00	2,05	8,6%
Permanentes	3.597,44	0,33	3.763,94	0,34	4,6%
<b>(J) Despesa com utilitários</b>	<b>1.041,22</b>	<b>0,09</b>	<b>1.069,62</b>	<b>0,10</b>	<b>2,7%</b>
<b>(K) Despesas gerais</b>	<b>5.658,67</b>	<b>0,51</b>	<b>5.658,67</b>	<b>0,51</b>	<b>0,0%</b>
<b>(L) Arrendamento da terra</b>	<b>1.652,89</b>	<b>0,15</b>	<b>1.652,89</b>	<b>0,15</b>	<b>0,0%</b>
<b>(M) Financiamento do Capital de Giro</b>	<b>3.771,66</b>	<b>0,34</b>	<b>4.056,36</b>	<b>0,37</b>	<b>7,5%</b>
<b>(N) Custo Operacional (A+ B+...+M)</b>	<b>67.877,86</b>	<b>6,17</b>	<b>73.786,74</b>	<b>6,71</b>	<b>8,7%</b>
<b>(O) CARP</b>	<b>9.199,50</b>	<b>0,84</b>	<b>9.199,50</b>	<b>0,84</b>	<b>0,0%</b>
Implantação	2.712,39	0,25	2.712,39	0,25	0,0%
Máquinas	1.870,29	0,17	1.870,29	0,17	0,0%
Utilitários	587,80	0,05	587,80	0,05	0,0%
Implementos	863,75	0,08	863,75	0,08	0,0%
Equipamentos de irrigação	2.379,14	0,22	2.379,14	0,22	0,0%
Benfeitorias	786,13	0,07	786,13	0,07	0,0%
<b>CUSTO TOTAL (N+O)</b>	<b>77.077,36</b>	<b>7,01</b>	<b>82.986,24</b>	<b>7,54</b>	<b>7,7%</b>

**Custo Total 2014 (4.400 cx/ha) - R\$ 17,52/cx de 23 kg**

**Custo Total 2015 (4.400 cx/ha) - R\$ 18,86/cx de 23 kg**



## MÃO DE OBRA CONTINUA SENDO A “VILÃ” DOS CUSTOS EM MOGI GUAÇU

O Custo Total de produção de tomate de mesa em Mogi Guaçu teve acentuado aumento de 16,4% na última temporada, frente à de 2013. O principal motivo foram os gastos com mão de obra. Além do aumento constante do salário mínimo, base para os pagamentos no setor, na temporada de 2014, os produtores passaram adotar outro sistema de bonificação devido à alta concorrência por trabalhadores na região. Antes, os funcionários temporários eram contratados por um salário mínimo e tinham um bônus sobre a receita líquida obtida com a venda do tomate. Assim, se em um determinado ano houvesse prejuízo com a produção de tomates, não haveria bônus. Com a escassez de mão de obra, no entanto, produtores foram obrigados a alterar o modelo de bonificação, que passou a ser vinculada ao volume de produção – como já ocorria em Santa Catarina –, não mais à receita líquida do negócio. Em 2014, essa bonificação variou de R\$ 0,70 a R\$ 1,00 por caixa colhida, dependendo do acordo que o produtor tenha feito com o funcionário. Conforme os participantes do Painel realizado pela **Hortifruti Brasil**, o valor mais representativo para esse item seria de R\$ 0,85/cx colhida. O encarregado, que é o funcionário fixo, com funções diversas, também teve aumento bastante acentuado no seu bônus que passou a ser de 1,25% (em média) da receita bruta.

Além disso, algumas exigências legais também pesaram sobre os custos, com destaque para a adição de insalubridade (R\$ 120,00/mês por funcionário) e das horas que o funcionário está no ônibus (*hora in itinere*). Com tudo isso, os custos com mão de obra aumentaram 77% entre 2013 e 2014, saltando de R\$ 13.770,00/hectare para R\$ 24.347,44/ha. A previsão para 2015 é de novo aumento por hectare, por enquanto, estimado em 8% – o valor final vai depender do volume de produção e da receita obtida.

O clima mais seco em 2014 impulsionou também o gasto com irrigação, que se elevou em 50% no comparativo com a safra de 2013. Por conta da menor disponibilidade de água, muitos produtores

passaram a usar irrigação por gotejamento, não mais por sulco. Em 2015, a previsão é que esse gasto siga estável frente ao ano passado – a confirmação dependerá do regime de chuvas até o final da safra.

Com relação aos adubos e defensivos, itens que somados correspondem a mais de um quarto dos custos totais na tomaticultura, se mantiveram relativamente estáveis na safra 2014, frente à anterior, havendo inclusive queda de 6,4% no caso dos fertilizantes. Já os defensivos tiveram ligeira alta de 0,7%. Apesar do clima mais seco ter diminuído os gastos com fungicidas, houve necessidade de maior uso de inseticidas. Em 2015, em função do dólar valorizado, observa-se tendência de aumento nos preços desses itens, sendo previstas altas de 20% nos gastos com fertilizantes e de 15% com defensivos.

### DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM O CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (%) DE MOGI GUAÇU (SP) - SAFRAS DE INVERNO 2014



Fonte: Cepae

# Janáína

Tomate Salada Indeterminado **F1**

**WINNERS**  
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**  
SEMENTES

(54) 2109.4400 [www.sementesfeltrin.com.br](http://www.sementesfeltrin.com.br)

## CUSTO DE PRODUÇÃO DO TOMATE EM CAÇADOR (SC) – PEQUENA ESCALA



Nesta região, a **Hortifruti Brasil** levanta os custos de produção de tomate de mesa pelo quarto ano consecutivo em duas escalas de produção: pequena e grande. O típico da pequena escala continua sendo de 1,25 hectare e da grande, de 27,3 hectares cultivados com tomate.

Desta vez, são analisadas as safras de verão 2013/14 e 2014/15, elevando-se para cinco o número de temporadas acompanhadas na região. O motivo do levantamento de duas safras é que, no ano passado, a reunião da equipe Cepea com produtores e técnicos locais ocorreu em fevereiro, quando a safra 2013/14 ainda não estava concluída. Já em 2015, o Painei foi realizado no final de abril, permitindo a coleta de dados consolidados tanto daquela safra quanto da 2014/15.

Participantes do Painei realizado pelo Cepea acreditam que, embora a área cultivada com tomate tenha se mantido estável, a propriedade típica não seja mais de 36,3 hectares, mas de apenas 20 hectares, considerando-se todo o portfólio de culturas e as áreas de mata para preservação. Em geral, desses 20 hectares, 80% são agricultáveis e os outros 20%, destinados à reserva ambiental.

A lista de itens que compõem a infraestrutura é similar à dos últimos três anos, resumindo-se a um barracão para uso geral e uma casa para o funcionário. No entanto, os va-

lores para as construções tiveram reajustes na safra 2013/14, frente à anterior, mantendo-se estáveis na última temporada (2014/15). A construção do barracão foi estimada em R\$ 80.000,00 e a casa, em R\$ 100.000,00. Houve também reajuste de 19% no custo de implantação da estrutura de condução do tomate na safra 2013/14 frente à anterior, passando para R\$ 4.288,83 por hectare.

O número de caixas necessárias para a colheita se manteve em 400 para toda a lavoura (1,25 ha), mas o preço de cada uma aumentou 12% na safra 2013/14 e mais 31% na safra 2014/15, chegando a R\$ 22,00 por caixa plástica com taxa média de reposição de 5% a.a.. O transporte do tomate continua sendo de responsabilidade do comprador, que desconta esse custo do preço final da caixa a ser pago ao produtor.

Como os bens da propriedade não são utilizados apenas na cultura de tomate, o cálculo da depreciação (CARP) continua sendo rateado de acordo com o percentual de uso em cada atividade. O inventário (total de itens) seguiu bem parecido ao do ano anterior, tendo como alteração a substituição do trator de 20 cavalos (cv) por um de 55 cv.

O custo de oportunidade da terra se manteve em R\$ 1.500,00/ha, diferente do custo de arrendamento da grande escala de produção, que vem tendo reajustes.

### PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE PEQUENA ESCALA EM CAÇADOR - SAFRA 2014/15

<b>Área com tomate</b>	1,25 hectares
<b>Densidade</b>	12 mil pés por hectare
<b>Produtividade em 2014/15</b>	3.600 caixas por hectare
<b>Obtenção da terra</b>	Própria
<b>Estrutura básica (desmontável)</b>	1 barracão para uso geral e uma casa para o funcionário
<b>Estrutura para o estaqueamento</b>	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
<b>Sistema de Irrigação</b>	Gotejamento

### DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

### % UTILIZADA NA TOMATICULTURA

• 1 trator de 55 cavalos 4 x 2	20%
• 1 trator de 75 cavalos 4 x 2	30%
• 1 grade de 14 discos de 28 polegadas	50%
• 1 subsolador de 5 hastes	20%
• 1 sulcador de 2 linhas	100%
• 1 carreta de 5 toneladas e quatro rodas	20%
• 1 distribuidor de calcário de arrasto de 1500 kg	50%
• 1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	40%
• 1 veículo utilitário	30%
• Ferramentas específicas	100%

## CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) - SAFRAS DE VERÃO 2013/14 E 2014/15 - PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO

Itens	2013/14		2014/15		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
<b>(A) Insumos</b>	<b>13.161,92</b>	<b>1,10</b>	<b>18.192,45</b>	<b>1,52</b>	<b>38,22%</b>
Fertilizante (solo e folha) e Corretivo	7.503,20	0,63	8.154,00	0,68	8,67%
Defensivos, adjuvantes, indutores e reguladores	5.658,72	0,47	10.038,45	0,84	77,40%
<b>(B) Semente</b>	<b>3.750,00</b>	<b>0,31</b>	<b>4.200,00</b>	<b>0,35</b>	<b>12,00%</b>
<b>(C) Viveirista</b>	<b>780,00</b>	<b>0,07</b>	<b>825,00</b>	<b>0,07</b>	<b>5,77%</b>
<b>(D) Replântio</b>	<b>317,10</b>	<b>0,03</b>	<b>351,75</b>	<b>0,03</b>	<b>10,93%</b>
<b>(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)</b>	<b>2.940,53</b>	<b>0,25</b>	<b>3.677,67</b>	<b>0,31</b>	<b>25,07%</b>
<b>(F) Operações Mecânicas</b>	<b>2.165,79</b>	<b>0,18</b>	<b>2.702,03</b>	<b>0,23</b>	<b>24,76%</b>
<b>(G) Irrigação</b>	<b>4.617,60</b>	<b>0,38</b>	<b>1.248,00</b>	<b>0,10</b>	<b>-72,97%</b>
<b>(H) Mão de obra</b>	<b>21.196,80</b>	<b>1,77</b>	<b>22.147,20</b>	<b>1,85</b>	<b>4,48%</b>
Permanente	21.196,80	1,77	22.147,20	1,85	4,48%
<b>(I) Despesa com utilitários</b>	<b>1.183,49</b>	<b>0,10</b>	<b>1.383,04</b>	<b>0,12</b>	<b>16,86%</b>
<b>(J) Despesas gerais</b>	<b>11.045,40</b>	<b>0,92</b>	<b>11.055,00</b>	<b>0,92</b>	<b>0,09%</b>
<b>(K) Financiamento do Capital de Giro</b>	<b>3.239,28</b>	<b>0,27</b>	<b>3.648,08</b>	<b>0,30</b>	<b>12,62%</b>
<b>(L) Custo Operacional (A+B+...+K)</b>	<b>64.397,91</b>	<b>5,37</b>	<b>69.430,22</b>	<b>5,79</b>	<b>7,81%</b>
<b>(M) CARP</b>	<b>7.252,35</b>	<b>0,60</b>	<b>7.494,39</b>	<b>0,62</b>	<b>3,34%</b>
Implantação	232,35	0,02	258,17	0,02	11,11%
Máquina	1.432,56	0,12	1.521,37	0,13	6,20%
Utilitários	1.830,28	0,15	1.830,28	0,15	0,00%
Implementos	1.126,22	0,09	1.126,22	0,09	0,00%
Equipamentos de irrigação	1.401,56	0,12	1.528,97	0,13	9,09%
Benfeitoria	1.127,01	0,09	1.127,01	0,09	0,00%
Ferramentas	102,37	0,01	102,37	0,01	0,00%
<b>(N) Custo de Oportunidade da terra</b>	<b>1.500,00</b>	<b>0,13</b>	<b>1.500,00</b>	<b>0,13</b>	<b>0,00%</b>
<b>CUSTO TOTAL (L+M+N)</b>	<b>73.150,26</b>	<b>6,10</b>	<b>78.424,61</b>	<b>6,54</b>	<b>7,21%</b>

**Custo Total safra 2013/14 (4.200 cx/ha) - R\$ 17,42/cx de 23 kg**

**Custo Total safra 2014/15 (3.600 cx/ha) - R\$ 21,78/cx de 23 kg**

# PARA VER SEUS TOMATES LIVRES DAS PRINCIPAIS VIROSES, VOCÊ SÓ PRECISA CONHECER UM HÍBRIDO: OZONE.

- Resistência à vira-cabeça e ao geminivírus.
- Melhor qualidade de frutos.



**casa**  
0800 704 4304

[www.syngenta.com.br](http://www.syngenta.com.br)



 **Ozone**

**syngenta.**





## DÓLAR E DIESEL AUMENTAM CUSTOS EM 2015

O custo total, por hectare, da safra de tomate em Caçador finalizada entre final de abril e início de maio de 2015 foi 7,2% maior que o da temporada anterior para produtores de pequena escala. A alta do dólar impactou nos gastos, principalmente, via encarecimento dos defensivos e fertilizantes, além do que os preços do óleo diesel também foram corrigidos. Em relação à temporada 2013/14, comparada à anterior, o aumento dos custos foi ainda mais significativo, de 16,5% (por hectare), reflexo do aumento principalmente da mão de obra.

Na safra 2014/15, o gasto com defensivos aumentou 77,4% frente à safra anterior. Além de o dólar ter elevado os preços dos insumos, o clima bastante chuvoso neste ano, quando comparado ao passado, também requereu maior número de aplicações e dosagens maiores. Na safra 2013/14, no entanto, o aumento no comparativo com a 2012/13 havia sido de apenas 0,35%, ficando praticamente estável.

Sob efeito do dólar, os gastos com fertilizantes também tiveram alta bastante significativa nesse último ano, de 8,7%. Já na safra anterior, o dispêndio com fertilizantes havia diminuído 10% comparativamente à 2012/13.

As sementes são outro item que tiveram forte reajuste, de 12%, na safra 2014/15, em contraste à queda de 9% registrada entre as duas temporadas anteriores. Essas variações se devem exclusivamente ao ajuste de preços de um ano para outro – a quantidade usada se manteve estável.

Na mesma linha, o gasto com operações mecânicas avançou 24,8% na última safra, devido à alta do preço do óleo diesel e também ao aumento do número de pulverizações, que passaram de uma média estimada em 30 para 40 aplicações em função do clima mais chuvoso.

As despesas com o veículo utilitário também se elevaram bastante, em 16,9%, atribuídas, sobretudo, ao encarecimento dos combustíveis.

Já a irrigação, que teve seu custo quadruplicado da temporada 2012/13 para a 2013/14 devido ao clima bastante seco; na última safra, ficou bem mais barata, com redução de 73% no seu dispêndio.

A mão de obra, apesar de seguir em alta, teve aumento de apenas 4,5% na safra 2014/15, contra 13,6% na temporada anterior. O reajuste menor neste ano indica uma certa desaceleração pela demanda por trabalhadores na região. Quanto ao quadro de funcionários,

foram mantidas três pessoas contratadas pelo período de seis meses. O pró-labore do produtor considerado durante seis meses do ano (safra do tomate) teve reajuste da safra 2012/13 para a safra 2013/14, passando de R\$ 1.000 para R\$ 1.500/mês, mantendo-se estável desde então. O aumento se deu por conta da inflação nos últimos anos, sendo necessária, no mínimo, essa retirada mensal durante o ciclo da cultura.

Na pequena escala, a melhor produtividade foi observada na temporada 2013/14, seguida de perto pelos bons resultados da 2014/15. Além do maior volume colhido, os preços mais elevados nas últimas safras permitiram maiores investimentos, que vieram acompanhados por aprimoramento no manejo da cultura.

Na safra 2013/14, a produtividade aumentou 27% em comparação ao ano anterior, indo de 3.300 caixas/hectare para 4.200 caixas/ha. O clima seco contribuiu bastante para esse resultado. Já na 2014/15, houve recuo de 16%, com a média, em 3.600 caixas/ha, em função do clima bastante chuvoso – de qualquer, ainda acima do colhido dois anos atrás.

### DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM O CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR (%) - SAFRA 2014/15



# CATÁLOGO BLUESEEDS 2015 2016



De nordeste a sul,  
sudeste a centro-oeste,  
solução em tomates  
híbridos para todo Brasil.

[www.bluseeds.com.br](http://www.bluseeds.com.br)

Distribuidor  no Brasil.

  
Bluseeds



TOMATE TIPO ITALIANO



TOMATE TIPO SALADETE



TOMATE TIPO SALADA



TOMATE TIPO CAQUI



TOMATE TIPO SANTA CLARA



TOMATE TIPO CEREJA



TOMATE TIPO GRAPE

## ESPECIALIDADES

Determinados		Indeterminados	
Variedade	Resistências	Variedade	Resistências
<b>Yuti (cereja amarelo)</b>	V1, F1, F2	<b>Amoái (cereja vermelho)</b>	F1, T
<b>Iraí (grape amarelo)</b>	F1	<b>Pori (cereja vermelho)</b>	F1, T
<b>BS DIA0026 (italiano amarelo)</b>	V1, F1, F2, Fc, P	<b>Ytai (mini pori vermelho)</b>	V1, F1, F2, N, T
<b>Abiru (grape vermelho)</b>	F1, F2	<b>Guaraci (grape vermelho)</b>	F1, T
<b>BS DCR0028 (cereja vermelho)</b>	V1, F1, F2, N, T, Ty	<b>Baby Italiano (baby vermelho)</b>	V1, F1, F2, N, T
<b>BS DGR0017 (grape vermelho)</b>	V1, F1, F2, T, Sw, P	<b>BS IGR0023 (grape vermelho)</b>	V1, F1, T, Sw, P
<b>BS DGR0022 (grape vermelho)</b>	V1, F1, T	<b>BS IU0025 (ugly vermelho)</b>	V1, F1, F2, F3, T, Sw, Ty
<b>Upyra (grape gold)</b>	F1, F2, N, T	<b>Essai (cereja gold)</b>	V1, F1, T
<b>BS DIG0013 (italiano gold)</b>	V1, F1, F2, Sw, P	<b>Jacy (grape beta)</b>	F1, T
<b>BS DIB0014 (italiano beta)</b>	V1, F1, F2, T, P	<b>BS IBIB0015 (baby beta)</b>	V1, F1, F2, T, P
		<b>BS ISB0027 (salada beta)</b>	V1, F1, F2, N, T
		<b>BS ISP0024 (salada pink)</b>	V1, F1, F2, N, T



Diversidade, mistura e grandeza são os ingredientes que fazem do nosso país um lugar propício para inúmeras plantações, proporcionando climas e solos adequados a uma grande variedade de cultivos. Por isso as sementes Blueseeds têm a cara do Brasil, pois cada tipo de tomate foi desenvolvido e melhorado para adaptar-se ainda mais em diferentes regiões do país. Tomates salada, saladete, santa clara, italiano, grape, cereja e caqui, vermelho, amarelo, laranja e pink, de crescimento determinado e indeterminado; carregam produtividade de nordeste a sul, sudeste a centro-oeste.

Confira o catálogo de produtos Blueseeds e veja qual é o melhor híbrido para sua região.

#### Nomenclatura dos produtos:

**BS** - Blueseeds  
**IS** - Indeterminado Salada  
**II** - Indeterminado Italiano  
**ISC** - Indeterminado Santa Clara  
**DI** - Determinado Italiano  
**DIA** - Determinado Italiano Amarelo  
**DIB** - Determinado Italiano Beta  
**DIG** - Determinado Italiano Gold  
**DGR** - Determinado Grape Red  
**IBIB** - Indeterminado Baby Italiano Beta  
**DCR** - Determinado Cereja Red  
**IGR** - Indeterminado Grape Red  
**ISP** - Indeterminado Salada Pink  
**IU** - Indeterminado Ugly  
**PE** - Porta Enxerto

#### Resistências:

**Bw** - Bacterial Wilt  
**F1** - *Fusarium* raça 1  
**F2** - *Fusarium* raça 2  
**F3** - *Fusarium* raça 3  
**Fc** - *Fusarium crown*  
**G** - Erwinia  
**H** - Cancro Bacteriano  
**N** - Nematóides galhas  
**P** - *Pseudomonas syringae pv tomato*  
**Prr** - *Phytophthora Root Rot*  
**Sw** - Vírus do vira cabeça  
**T** - Mosaico do Tabaco  
**Ty** - Geminivirus  
**V1** - *Verticillium* sp raça 1  
**V2** - *Verticillium* sp raça 2

#### Características:

**EFS** - Capacidade de durabilidade pós maturação no campo  
**LSL** - Longa Vida

# MINAS GERAIS

## BELO HORIZONTE E REGIÃO

Belo Horizonte, Pará de Minas, Sete Lagoas, Divinópolis, Itaguara e Oliveira

## REGIÃO NORTE

Salinas, Montes Claros, Bocaiúva, Capelinha e Diamantina

## REGIÃO SUDESTE

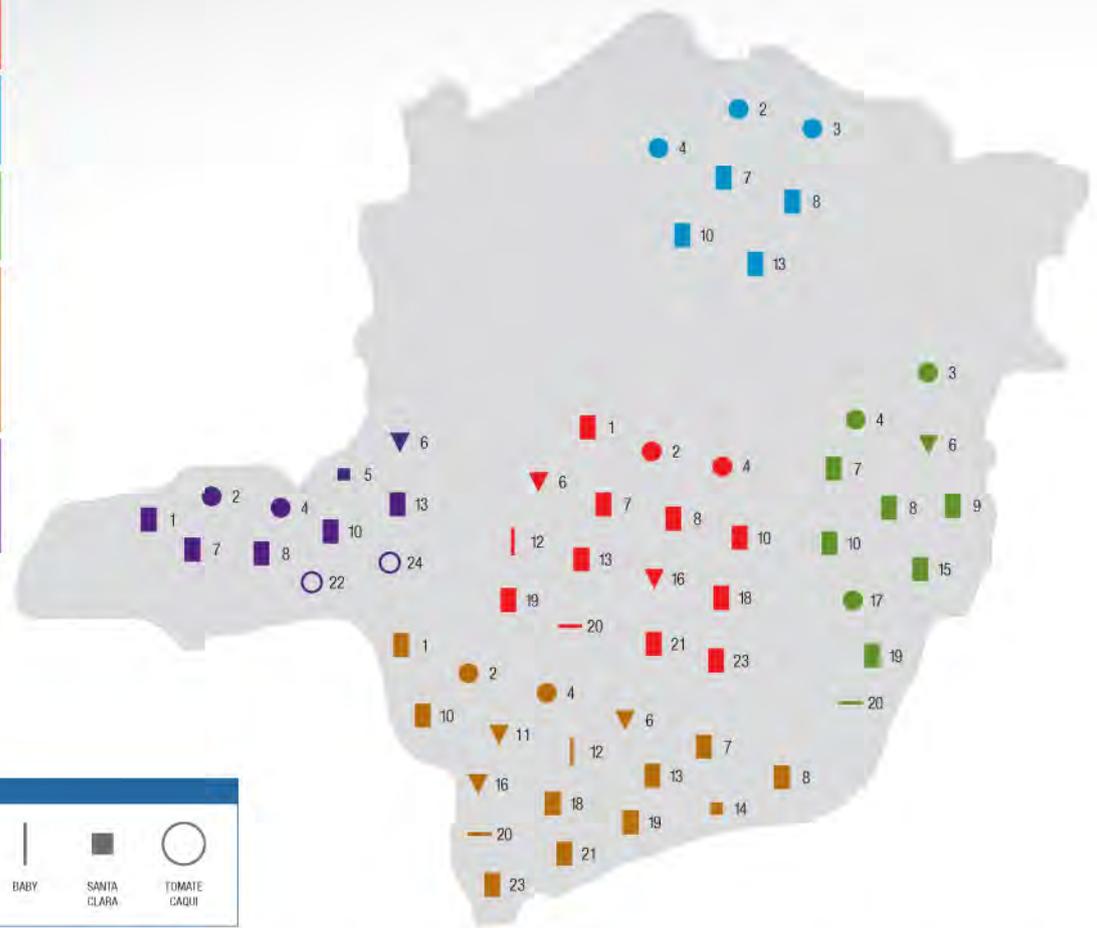
Governador Valadares, Ipatinga, Caratinga, Manguaçu, Ponte Nova, Viçosa, Muriaé e Ubá

## REGIÃO SUL

Passos, Formiga, Campo Belo, Conselheiro Lafaiete, São João Del Rei, Barbacena, Juiz de Fora, Lavras, São Sebastião do Paraíso, Alfenas, Varginha, São Lourenço, Sta. Rita do Sapucaí, Poços de Caldas, Pouso Alegre e Itajubá

## REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

Araguari, Cascahalo Rico, Indianópolis, Piracaitba, Patos de Minas, Guimarães, Lagoa Formosa, Uberaba e Uberlândia.



### LEGENDA



MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
■ 1 BS DI0001	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, F3, Sw, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 2 BS IS0002	210 a 230g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 3 BS IS0003	240 a 260g	precoce	4	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty, LSL	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 4 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
■ 5 BS ISCO050	140 a 180g	tardio	3	V1, F1, F2, N, T, Sw, Oidium	1,00x1,40m - 0,60x0,80m	2
▼ 6 BS IGR0049	14 a 22g	precoce	2	V1, F1	1,40x1,80m - 0,40x0,50m	2
■ 7 BS II0004	180 a 220g	tardio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 8 BS II0011	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 9 BS II0012	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 10 BS II0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
▼ 11 Abinú	20 a 24g	precoce	2	F1, F2	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
12 Baby Italiano	60 a 80g	precoce	2	V1, F1, F2, N, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
■ 13 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 14 Catú	190 a 210g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 15 Guacá	180 a 200g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	1,00x1,20m - 0,40x0,30m	2
▼ 16 Iraí	20 a 26g	precoce	2	F1	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
● 17 Ibatã	240 a 260g	médio	4	V1, F1, F2, T, N, LSL	1,20x1,50m - 0,40x0,30m	2
■ 18 Netuno	160 a 180g	tardio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
■ 19 Plutão	210 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
— 20 Pori	24 a 28g	precoce	2	F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
■ 21 Saturno	180 a 200g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	0,80x1,20m - 0,40x0,30m	2
○ 22 Supremo R	600 a 1000g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1
■ 23 Vênus	200 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P	1,20x1,50m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota
○ 24 Yapussú	600 a 800g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1

## PARANÁ

### CURITIBA E REGIÃO

Curitiba, Araucária, Faz. Rio Grande, S. José dos Pinhais, Mandirituba, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Colombo, Alm. Tamandaré, Campo Magro, Itaperuçu, Rio Branco, Lapa, Ponta Grossa, Quitandinha, Contenda, Morretes, Campina Grd. Sul, Antonina e Rio Negro.

### REGIÃO NORTE CENTRAL

Reserva, Imbaú, Cândido Abreu, Pitanga, Manoel Ribas, Anranha do Ivaí, Rio Branco do Ivaí, Rosário do Ivaí, Ortigueira, Tamarana, Ivaiporã, Lidianópolis, Lunardelli, Cruzmaltina, Faxinal, Borrazópolis, Kaloré, Bom Sucesso, Marialva, Sarandi, Maringá, Mandaguari, Apucarana, Londrina, Ibiporã, Assai e Sertãoópolis.

### REGIÃO NORTE PIONEIRO

Cornélio Procopio, Bandeirantes, Sta. Antônio da Platina, Abatiá, Sta. Amélia, Wenceslau Bráz, Curitiba, Arapoti e Jaguariava.

### REGIÃO OESTE

Pato Branco, Cascavel, Braganey, Sta. Helena, Toledo, Campo Mourão, Cianorte e Umuarama.

## RIO GRANDE DO SUL

### PORTO ALEGRE E REGIÃO

Porto Alegre, Osório, Lajeado, Estrela, Montenegro, Gramado, Canela e Caxias do Sul.

### REGIÃO NORTE

Carazinho, Passo Fundo, Cruz Alta, Santa Cruz do Sul, Santa Rosa, Três Passos, Frederico Westphalen, Cerro Largo, Santo Ângelo, Ijuí e Cruz Alta.

### REGIÃO OESTE

Santiago, Santa Maria e Restinga Seca.

### REGIÃO SUL

Pelotas e Jaguarão

## SANTA CATARINA

### REGIÃO NORTE

Maíra, Papanduva, Monte Castelo, Lebon Régis, Rio das Antas, Caçador, Macieira, Calmon e Matos Costa.

### REGIÃO SUL/SUDESTE

Blumenau, Urubici, Criciúma e Itapora.



MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
● 1 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
▼ 2 BS IGR0048	10 a 18g	precoce	2		1,00x1,40m - 0,40x0,50m	1 a 2
■ 3 BS II0004	180 a 220g	tardio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 4 BS II0011	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 5 BS II0012	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
● 6 BS II0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
▼ 7 Abirú	20 a 24g	precoce	2	F1, F2	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
○ 8 Ayssô	400 a 500g	médio	multilocular	V1, F1, F2, T, Ty, LSL	1,30x1,50m - 0,40x0,60m	dispensa desbrota
○ 9 Bagual	400 a 600g	médio	multilocular	V1, F1, F2, T, Sw, LSL	1,30x1,50m - 0,40x0,60m	dispensa desbrota
■ 10 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 11 Guacá	180 a 200g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	1,00x1,20m - 0,40x0,30m	2
▼ 12 Guaraci	28 a 32g	precoce	2	F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
○ 13 Invicto	400 a 600g	médio	multilocular	V1, F1, F2, T, Sw, LSL	1,30x1,50m - 0,40x0,60m	dispensa desbrota
● 14 Itapitã	210 a 230g	médio	4	V1, F1, F2, N, T, Sw, LSL	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 15 Jordana	220 a 240g	tardio	4	V1, F1, F2, N, T, Sw, Fc, P, LSL	1,20x1,50m - 0,30x0,40m	1 a 2
■ 16 Kaiapó	200 a 220g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
● 17 Maranguara	200 a 220g	médio	3 a 4	V1, F1, F2, N, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
■ 18 Netuno	160 a 180g	tardio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
● 19 Pataxó	200 a 220g	médio	4	V1, F1, F2, N, T	1,20x1,50m - 0,40x0,30m	2
■ 20 Plutão	210 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
— 21 Pori	24 a 28g	precoce	2	F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
■ 22 Saturno	180 a 200g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	0,80x1,20m - 0,40x0,30m	2
○ 23 Supremo R	600 a 1000g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1
■ 24 Vênus	200 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P	1,20x1,50m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota
○ 25 Yapussú	600 a 800g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1

## ESPIRITO SANTO

### REGIÃO VENDA NOVA

Venda Nova do Imigrante, D. Martins, M. Floriano, V. Alta, Muniz Freire, Castelo, Alfredo Chaves, Santa M. Jetibá e Sta. Leopoldina.

### REGIÃO TERRA QUENTE

Cachoeiro de Itapemirim, Ibatiba, Af. Cláudio, Laranja da Terra, Itarana, Itaguaçu, Baixo Guandu, São Roque do Canaã e Sta. Teresa.

### REGIÃO NORTE

Serra, Aracruz, Marilândia, Linhares, Rio Bananal e Jaguaré.

## RIO DE JANEIRO

### REGIÃO NOVA FRIBURGO

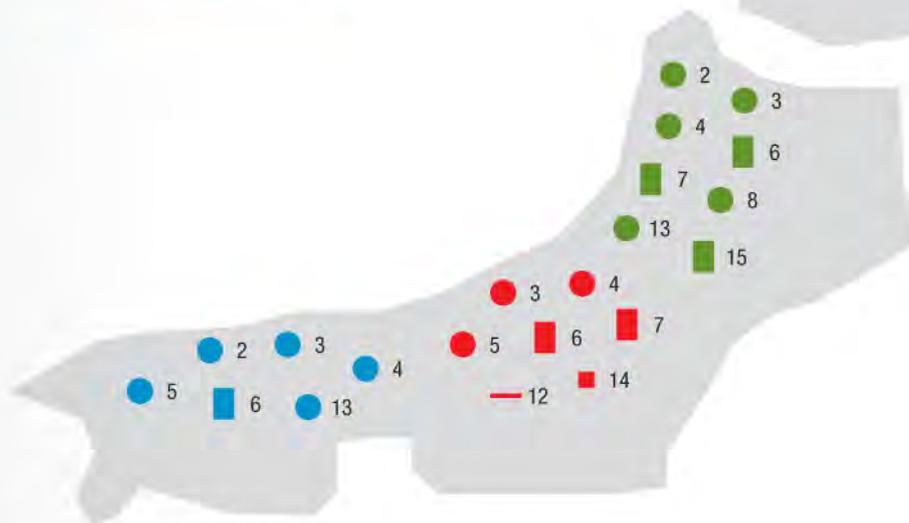
Nova Friburgo, Sumidouro, Bom Jardim, Teresópolis e São José do Vale do Rio Preto.

### REGIÃO PATY DO ALFERES

Paty do Alferes, Miguel Pereira, Vassouras e Paraíba do Sul.

### REGIÃO NORTE

Itaocara, São José de Ubá e Itaperuna.



MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
■ 1 BS DIO037	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, N, Ty	1,50x1,60m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota
● 2 BS IS0002	210 a 230g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 3 BS IS0003	240 a 260g	precoce	4	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty, LSL	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 4 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 5 BS IS0010	300 a 340g	médio	4 ou mais	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty, LSL	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
■ 6 BS II0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 7 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 8 Ibatã	240 a 260g	médio	4	V1, F1, F2, T, N, LSL	1,20x1,50m - 0,40x0,30m	2
● 9 Itapitã	210 a 230g	médio	4	V1, F1, F2, N, T, Sw, LSL	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 10 Marangatú	230 a 250g	médio	4	V1, F1, F2, F3, T, LSL	1,20x1,50m - 0,30x0,40m	2
● 11 Netuno	160 a 180g	tardio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
— 12 Pori	24 a 28g	precoce	2	F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
● 13 Topacatú	240 a 260g	médio	4	V1, F1, F2, F3, T, Fc	1,20x1,50m - 0,30x0,40m	2
■ 14 Upiã	180 a 200g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, T, P, Ty	1,50x1,80m - 0,40x0,50m	2
■ 15 Vênus	200 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P	1,20x1,50m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota

# SÃO PAULO

## INTERIOR

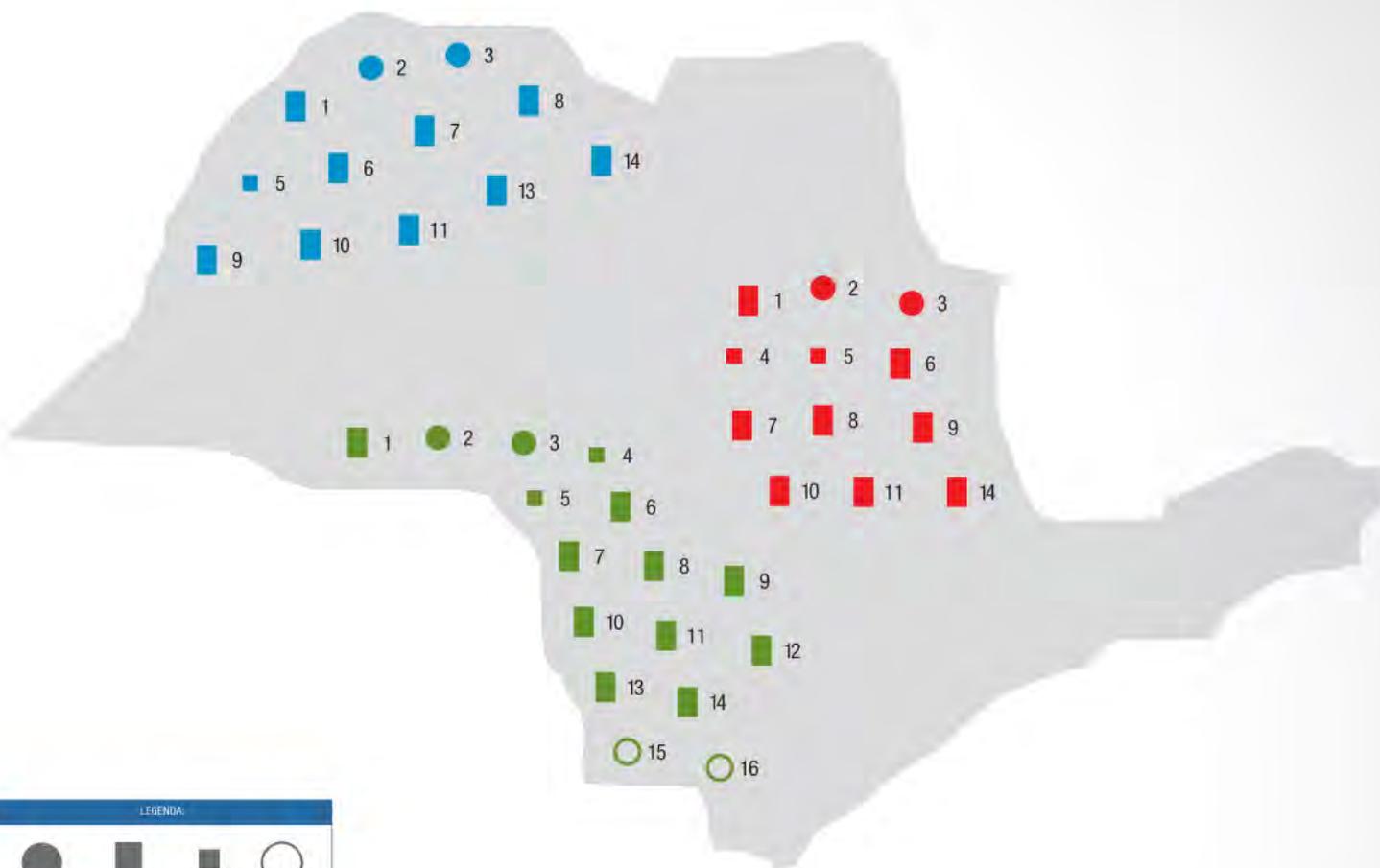
Ribeirão Preto, Cravinhos, Batatais, Sumaré, Mogi Guaçu e Serra Negra.

## REGIÃO NORTE

Jales, São José do Rio Preto, Lins, Sabino e Paranapuã.

## REGIÃO SUL/SUDOESTE

Itapeva, Guapiara, Ribeirão Branco, Apial, Sta. Cruz do Rio Pardo, Bauru, Ourinhos, Piraju, Avaré, São Miguel Arcanjo, Itapetininga e Buri.



### LEGENDA:



MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
■ 1 BS DI0001	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, F3, Sw, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 2 BS IS0002	210 a 230g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 3 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
■ 4 BS IS00045	140 a 180g	140	3	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,60x0,80m	2
■ 5 BS IS00050	140 a 180g	tardio	3	V1, F1, F2, N, T, Sw, Oidium	1,00x1,40m - 0,60x0,80m	2
■ 6 BS II0011	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 7 BS II0019	170 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 8 BS II0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 9 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 10 Guacá	180 a 200g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	1,00x1,20m - 0,40x0,30m	2
■ 11 Kátia	160 a 180g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, P	1,40x1,80m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota
■ 12 Netuno	160 a 180g	tardio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
■ 13 Plutão	210 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, LSL	1,20x1,50m - 0,70x0,50m	2
■ 14 Saturno	180 a 200g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	0,80x1,20m - 0,40x0,30m	2
○ 15 Supremo R	600 a 1000g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1
○ 16 Yapussú	600 a 800g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1

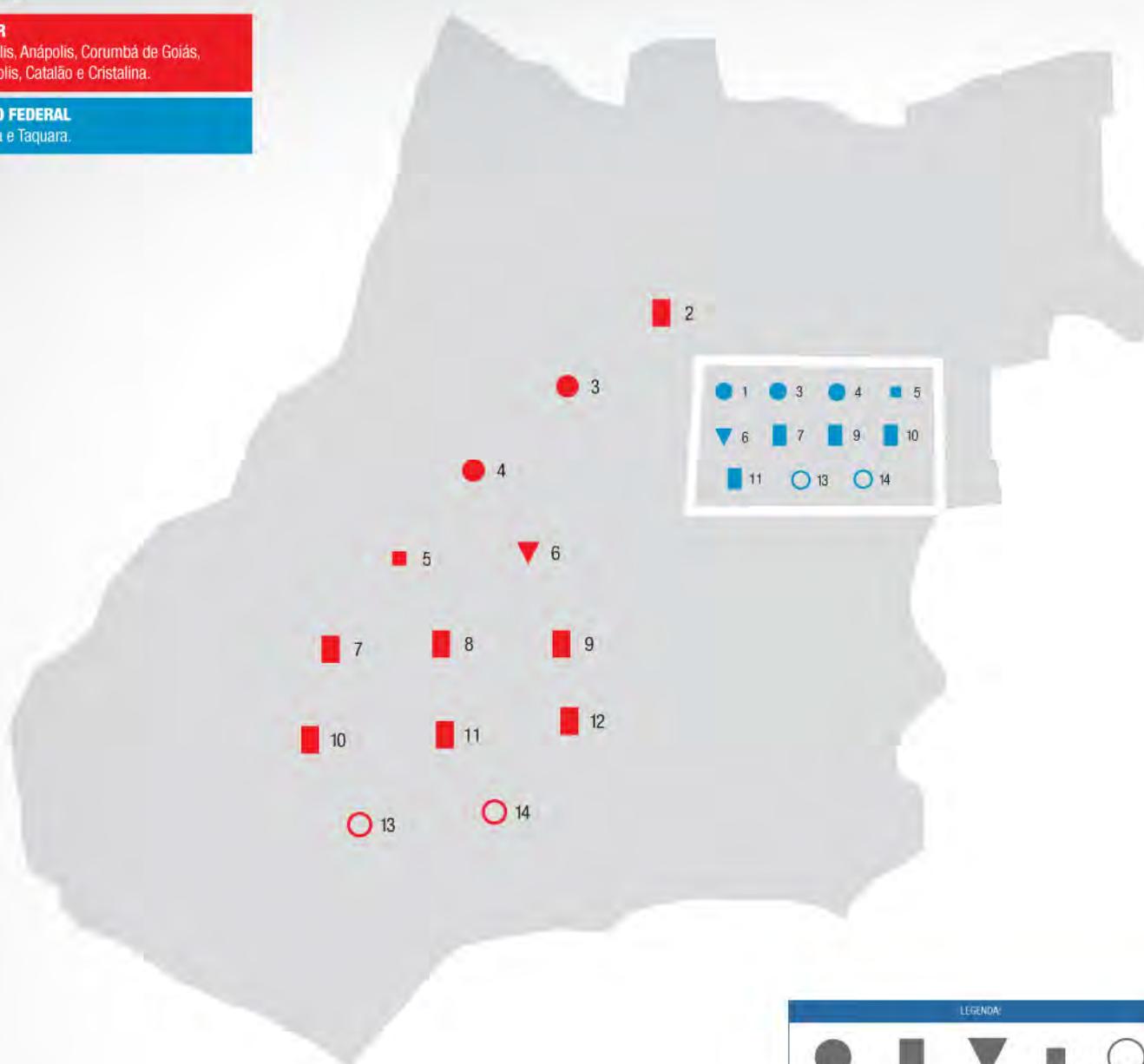
# GOIÁS

## INTERIOR

Goianópolis, Anápolis, Corumbá de Goiás, Bonfinópolis, Catalão e Cristalina.

## DISTRITO FEDERAL

Planaltina e Taquara.



LEGENDA:				
TOMATE SALADA	TOMATE ITALIANO	TOMATE GRAPE	SANTA CLARA	TOMATE CAQUI

MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
● 1 Amã	200 a 220g	médio	4	V1, F1, F2, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
■ 2 BS DI0001	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, F3, Sw, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 3 BS IS0002	210 a 230g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 4 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
■ 5 BS IS00050	140 a 180g	tardio	3	V1, F1, F2, N, T, Sw, Oidium	1,00x1,40m - 0,60x0,80m	2
▼ 6 BS IGR0049	14 a 22g	precoce	2	V1, F1	1,40x1,80m - 0,40x0,50m	2
■ 7 BS II0004	180 a 200g	tardio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 8 BS II0006	190 a 210g	médio	3	V1, F1, F2, T, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 9 BS II0011	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 10 BS II0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 11 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 12 Kaiapó	200 a 220g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
○ 13 Supremo R	600 a 1000g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1
○ 14 Yapussú	600 a 800g	médio	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,50x0,80m	1

# BAHIA

## REGIÃO CHAPADA DIAMANTINA

Chapada Diamantina, Piemonte do Paraguai, Irecê e Piemonte da Diamantina.

## REGIÃO OESTE

Barreiras, Bom Jesus da Lapa, Santa Maria da Vitória e Vale do São Francisco.

## REGIÃO SUL/SUDOESTE

Sertão produtivo, Vale do Jiquiriçá, Vitória da Conquista e Guanambi.



### LEGENDA:



MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
1 BS DI0001	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, F3, Sw, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
2 BS DI0037	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, N, Ty	1,50x1,60m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota
3 BS DS0060	220 a 260g	tardio	4	V1, F1, F2, N, T, Ty, Sw	1,40x1,80m - 0,60x0,80m	dispensa desbrota
4 BS IS0002	210 a 230g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
5 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
6 BS IS0011	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
7 BS IS0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
8 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
9 Catú	190 a 210g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
10 Jordana	220 a 240g	tardio	4	V1, F1, F2, N, T, Sw, Fc, P, LSL	1,20x1,50m - 0,30x0,40m	1 a 2

# CEARÁ

## REGIÃO NORTE

Serra de Ibiapara e Serra do Baturité (Maciço).

## REGIÃO SUL/SUDESTE

Cariri e Vale do Jaguaribe.

# RIO GRANDE DO NORTE

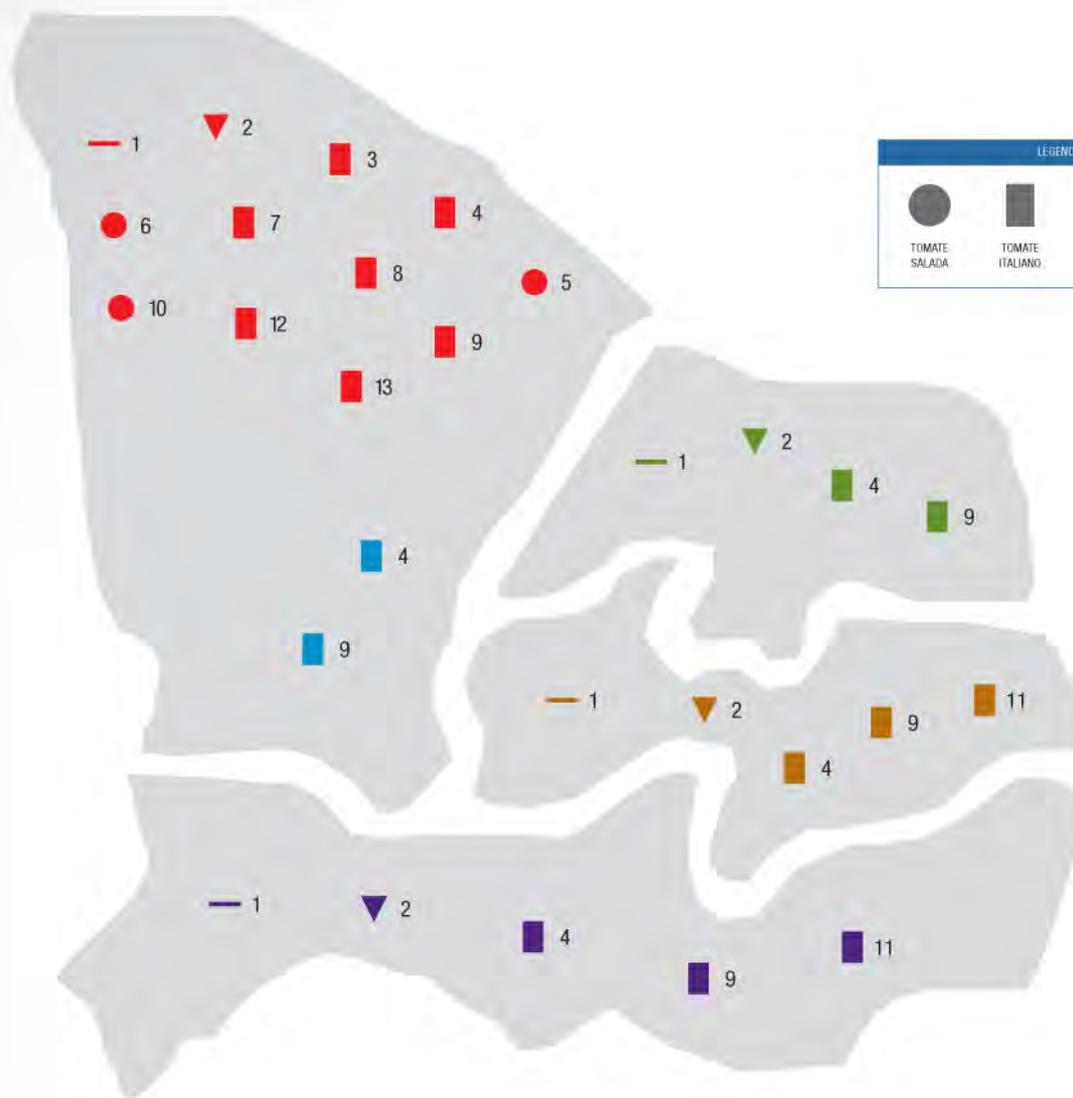
Agreste Rio-grandense, Litoral Norte, Litoral Oriental, Região Mossoroense e Alto Apodí.

# PARAÍBA

Regiões de Monteiro, Campina Grande, Patos e Itaporanga.

# PERNAMBUCO

Agreste Pernambucano, Sertão Pernambucano, Vale do São Francisco e Zona da Mata.



MATERIAL	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
— 1 BS DCR0028	20 a 24g	precoce	2	V1, F1, F2, N, T, Ty	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
▼ 2 BS DGR0017	22 a 26g	precoce	2	V1, F1, F2, T, Sw, P	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
■ 3 BS DI0001	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, F3, Sw, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 4 BS DI0037	160 a 180g	médio	3	V1, F1, F2, N, Ty	1,50x1,60m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota
● 5 BS IS0008	230 a 250g	precoce	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
● 6 BS IS0009	200 a 220g	médio	4	F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	2
■ 7 BS II0012	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 8 BS II0020	180 a 220g	médio	3	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
■ 9 Caeté	200 a 220g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
● 10 Jordana	220 a 240g	tardio	4	V1, F1, F2, N, T, Sw, Fc, P, LSL	1,20x1,50m - 0,30x0,40m	1 a 2
■ 11 Poranga	200 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, P	1,40x1,80m - 0,50x0,60m	dispensa desbrota
■ 12 Saturno	180 a 200g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, P	0,80x1,20m - 0,40x0,30m	2
■ 13 Vênus	200 a 230g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P	1,20x1,50m - 0,80x0,60m	dispensa desbrota

## DETERMINADOS

MATERIAL	TIPO	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
Kariri	Caqui/Gaicho/Maçã	400 a 500g	precoce	multilocular	V1, F1, F2, F3, T, Ty, LSL	1,30x1,50m - 0,40x0,60m	dispensa desbrota
Mercúrio	Italiano	170 a 190g	precoce	2 a 3	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,20x1,50m - 0,30x0,50m	dispensa desbrota
Ceça	Salada	200 a 220g	médio	4	V1, F1, N, T, Ty	1,30x1,60m - 0,40x0,60m	dispensa desbrota
BS D10007	Italiano	220 a 240g	120	4	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P, Ty	1,40x1,80m - 0,60x0,70m	dispensa desbrota
BS D10021	Italiano	140 a 160g	150	3	V1, F1, F2, F3, N, Sw	1,40x1,80m - 0,60x0,70m	dispensa desbrota
BS D10036	Italiano	180 a 220g	145	3 a 4	V1, F1, F2, F3, N, T, Sw, P, Ty	1,40x1,80m - 0,60x0,80m	dispensa desbrota

## INDETERMINADOS

MATERIAL	TIPO	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
Aeté	Salada	200 a 220g	precoce	3 a 4	V1, F1, F2, N, T, Sw, LSL	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
Guaraitã	Salada	220 a 240g	precoce	3 a 4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
Ussú	Salada	200 a 220g	médio	3 a 4	V1, F1, F2, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
BS IEG0047	Extra Globo	400 a 600g	140	multilocular	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,60x0,80m	2
BS I10005	Italiano	140 a 160g	135	3	V1, F1, F2, T, Ty	1,40x1,80m - 0,50x0,70m	2
BS I10006	Italiano	190 a 210g	médio	3	V1, F1, F2, T, Ty	1,00x1,40m - 0,40x0,30m	2
BS IS0035	Salada	140 a 240g	150	4	V1, F1, F2, F3, N, T, Ty, LSL	1,40x1,80m - 0,60x0,80m	2
BS IS0046	Salada	230 a 250g	150	4	V1, F1, F2, N, T, Sw	1,40x1,80m - 0,60x0,80m	2
BS IS0018	Santa Clara	200 a 220g	médio	2 a 3	V1, F1, F2, N, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2

## ESPECIALIDADES DETERMINADOS

MATERIAL	TIPO	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
Yuti	Cereja	22 a 26g	precoce	2	V1, F1, F2	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
Uypra	Grape Gold	24 a 30g	precoce	2	F1, F2, N, T	1,20x1,60m - 0,40x0,60m	4
BS DGR0022	Grape	25 a 35g	135	2	V1, F1, T	1,40x1,80m - 0,60x0,70m	dispensa desbrota
BS DIA0026	Italiano	180 a 220g	precoce	2	V1, F1, F2, Fc, P	1,40x1,60m - 0,50x0,70m	2
BS DIB0014	Italiano	180 a 220g	precoce	2	V1, F1, F2, T, P	1,40x1,60m - 0,50x0,70m	2
BS DIG0013	Italiano	160 a 180g	precoce	2	V1, F1, F2, Sw, P	1,40x1,60m - 0,50x0,70m	2

## ESPECIALIDADES INDETERMINADOS

MATERIAL	TIPO	PESO MÉDIO	CICLO	Nº LOCUS	RESISTÊNCIAS	DENSIDADE DO PLANTIO	HASTES
BS IBIB0015	Baby	50 a 70g	precoce	2	V1, F1, F2, T, P	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
Amóal	Cereja	28 a 32g	precoce	2	F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	4
Ytai (mini-Pori)	Cereja	18 a 22g	precoce	2	V1, F1, F2, N, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
Essai	Cereja Gold	25 a 30g	precoce	2	V1, F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
BS IGR0023	Grape	26 a 32g	precoce	2	V1, F1, T, Sw, P	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
Jacy	Grape	26 a 30g	precoce	2	F1, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2 a 4
BS ISB0027	Salada	240 a 260g	tardio	2	V1, F1, F2, N, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	2
BS ISF0024	Salada	210 a 230g	médio	2	V1, F1, F2, N, T	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	1 a 2
BS IU0025	Ugly	300 a 500g	médio	2	V1, F1, F2, F3, T, Sw, Ty	1,50x1,80m - 0,40x0,60m	1 a 2

## PROCESSO

MATERIAL	TIPO	CRESCIMENTO	RESISTÊNCIAS
BA5630	Processo	Determinado	V1, F1, F2, N, P
BS P0031	Processo	Determinado	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P
BS P0032	Processo	Determinado	V1, F1, F2, N, P
BS P0033	Processo	Determinado	V1, F1, F2, N, Sw, P
BS P0034	Processo	Determinado	V1, F1, F2, F3, N, Sw, P, Ty, EFS
F0574	Processo	Determinado	V1, F1, F2, N, Sw, P

## PORTA ENXERTO

MATERIAL	RESISTÊNCIAS	MATERIAL	RESISTÊNCIAS
BS PE0039	V1, F1, F2, N, T, Fc, Bw, Prr	BS PE0041	V1, F1, F2, F3, N, T, Fc, Bw, Prr



Acesse nosso site:  
[www.bluseeds.com.br](http://www.bluseeds.com.br)

Na teoria,  
a tecnologia  
do futuro.  
Na prática,  
maior proteção  
e qualidade hoje.



 **SERENADE**



### A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

**Serenade.**  
Eficiência sem carência.

#### ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM  
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.  
VENDA SOB RECEITUÁRIO  
AGRÔNOMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.  
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.  
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom



## CUSTO DE PRODUÇÃO DO TOMATE EM CAÇADOR (SC) - GRANDE ESCALA

A produção de grande escala de tomate de mesa em Caçador (SC) continua sendo de 27,3 hectares. Assim como ocorreu na produção em pequena escala, a produtividade na escala maior também teve significativa elevação na safra 2013/14, favorecida pelo clima. Nesse caso, o aumento foi estimado pelos participantes do Painel em 17%, com a colheita passando de 3.300 cxs/ha para 3.850 cxs/ha. Porém, na temporada 2014/15, a média retornou para os patamares de dois anos atrás, de 3.300 cxs/ha. As variações distintas de produtividade entre a pequena e a grande escala decorrem, principalmente, do ritmo de colheita em uma e outra. O produtor de grande escala oferta durante todo o calendário de colheita, tendo períodos de maior e menor produtividade. Já o pequeno, acaba colhendo de forma mais concentrada e, por isso, dependendo da época que colha, pode ter uma produtividade maior ou menor.

O perfil da mão de obra temporária segue o mesmo do ano anterior, o que significa 2 funcionários por hectare, que normalmente é registrado pelo produtor por um período médio de 6 meses, recebendo um salário mínimo mais comissão de cerca de R\$ 1,30/cx colhida na temporada 2013/14 e de R\$ 1,50/cx na temporada 2014/15.

O produtor de grande escala, na maioria dos casos, arrenda a terra para o cultivo, sendo que o valor pago vem

tendo reajustes. Na safra 2013/14 aumentou 20% frente à anterior, passando para R\$ 1.800,00/ha, e na safra 2014/15 chegou a R\$ 2.000,00/ha, avanço de mais 11%.

Quanto à infraestrutura, foi mantida em dois barracões, uma casa para funcionário e dez banheiros. O preço de aquisição de um barracão teve reajuste nos últimos dois anos, tendo custado, nessa última safra, R\$ 144.000,00 um e R\$ 18.000,00 o outro, com vida útil de 20 anos. No mesmo sentido, a casa de funcionário passou a custar R\$ 30.000,00, com vida útil de 20 anos, e os banheiros foram reajustados para R\$ 1.500,00/unidade, com vida útil de cinco anos.

Por decisão dos participantes do Painel, nessa última temporada, o número de caixas para a colheita foi reduzido de 5.000 para 4.000 unidades, a um custo unitário de R\$ 13,00/cx plástica, com taxa média de reposição de 10% ao ano. Possivelmente devido ao volume de compra, a caixa custa menos para o produtor de grande escala que para o de pequena.

Quanto ao inventário de bens, permaneceu o mesmo nas últimas duas safras.

A seguir, a descrição de maquinário, implementos, benfeitorias, valor de formação da estrutura de estaqueamento e valor de mercado da terra. No caso da produção em grande escala, a maior parte das máquinas e implementos listados é utilizada somente na cultura de tomate.

### PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE GRANDE ESCALA EM CAÇADOR - SAFRA 2014/15

<b>Área</b>	27,27 hectares
<b>Densidade</b>	11 mil pés por hectare
<b>Produtividade em 2015</b>	3.300 caixas por hectare
<b>Obtenção da terra</b>	Arrendada
<b>Estrutura básica (fixa)</b>	2 barracões para uso geral, uma casa para funcionário, dez banheiros.
<b>Estrutura para o estaqueamento</b>	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
<b>Sistema de Irrigação</b>	Gotejamento

### DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

• 1 trator de 75 cavalos 4 x 2.....	50%	• 1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo).....	100%
• 2 tratores de 50 cavalos 4 x 2.....	100%	• 1 pulverizador de 600 litros (conjunto completo).....	100%
• 1 trator de 100 cavalos 4 x 4.....	100%	• 1 reservatório para preparo de defensivos.....	100%
• 1 grade de 16 discos de 28 polegadas.....	50%	• 1 caminhão.....	50%
• 1 subsolador de 7 hastes.....	50%	• 1 ônibus.....	100%
• 1 sulcador de 2 linhas.....	100%	• 2 motos.....	100%
• 3 carretas de 6 toneladas e quatro rodas.....	100%	• 1 veículo utilitário.....	50%
• 1 distribuidor de calcário de arrasto de 5000 kg.....	50%	• Ferramentas.....	100%

## CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) - SAFRAS DE VERÃO 2013/14 E 2014/15 - GRANDE ESCALA

Itens	2013/14		2014/15		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
<b>(A) Insumos</b>	<b>16.897,76</b>	<b>1,54</b>	<b>21.516,54</b>	<b>1,96</b>	<b>27,33%</b>
Fertilizante (solo e folha) e Corretivo	10.794,06	0,98	11.593,62	1,05	7,41%
Defensivos, adjuvantes, indutores e reguladores	6.103,70	0,55	9.922,92	0,90	62,57%
<b>(B) Semente</b>	<b>2.860,00</b>	<b>0,26</b>	<b>3.080,00</b>	<b>0,28</b>	<b>7,69%</b>
<b>(C) Viveirista</b>	<b>572,00</b>	<b>0,05</b>	<b>605,00</b>	<b>0,06</b>	<b>5,77%</b>
<b>(D) Replântio</b>	<b>343,20</b>	<b>0,03</b>	<b>368,50</b>	<b>0,03</b>	<b>7,37%</b>
<b>(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)</b>	<b>3.085,30</b>	<b>0,28</b>	<b>3.212,09</b>	<b>0,29</b>	<b>4,11%</b>
<b>(F) Operações Mecânicas</b>	<b>2.807,96</b>	<b>0,26</b>	<b>3.265,57</b>	<b>0,30</b>	<b>16,30%</b>
<b>(G) Irrigação</b>	<b>1.598,40</b>	<b>0,15</b>	<b>810,00</b>	<b>0,07</b>	<b>-49,32%</b>
<b>(H) Mão de obra</b>	<b>20.197,00</b>	<b>1,84</b>	<b>21.894,00</b>	<b>1,99</b>	<b>8,40%</b>
Meeiros (temporários)	17.953,00	1,63	18.990,00	1,73	5,78%
Fixos	2.244,00	0,20	2.904,00	0,26	29,41%
<b>(I) Despesa com utilitários</b>	<b>825,37</b>	<b>0,08</b>	<b>926,31</b>	<b>0,08</b>	<b>12,23%</b>
<b>(J) Despesas gerais</b>	<b>7.545,77</b>	<b>0,69</b>	<b>8.570,87</b>	<b>0,78</b>	<b>13,59%</b>
<b>(K) Arrendamento da terra</b>	<b>1.800,00</b>	<b>0,16</b>	<b>2.000,00</b>	<b>0,18</b>	<b>11,11%</b>
<b>(L) Financiamento do Capital de Giro</b>	<b>4.119,68</b>	<b>0,37</b>	<b>4.463,41</b>	<b>0,41</b>	<b>8,34%</b>
<b>(M) Custo Operacional (A+B+...+L)</b>	<b>62.652,44</b>	<b>5,70</b>	<b>70.712,29</b>	<b>6,43</b>	<b>12,86%</b>
<b>(N) CARP</b>	<b>5.023,56</b>	<b>0,46</b>	<b>5.348,76</b>	<b>0,49</b>	<b>6,47%</b>
Implantação	228,20	0,02	228,20	0,02	0,00%
Máquinas	1.072,40	0,10	1.072,40	0,10	0,00%
Utilitários	782,06	0,07	903,62	0,08	15,54%
Implementos	829,88	0,08	829,88	0,08	0,00%
Equipamentos de irrigação	1.635,75	0,15	1.784,85	0,16	9,12%
Benfeitorias	390,75	0,04	424,16	0,04	8,55%
Ferramentas	84,52	0,01	105,65	0,01	25,00%
<b>CUSTO TOTAL (M+N)</b>	<b>67.676,00</b>	<b>6,15</b>	<b>76.061,05</b>	<b>6,91</b>	<b>0,12%</b>

**Custo Total safra 2013/14 (3.850 cx/ha) - R\$ 17,58/cx de 23 kg**

**Custo Total safra 2014/15 (3.300 cx/ha) - R\$ 23,05/cx de 23 kg**



## CUSTOS TAMBÉM SEGUEM EM ALTA PARA OS PRODUTORES DE GRANDE ESCALA DE CAÇADOR

A exemplo do observado na pequena escala de produção, a grande escala também teve aumento dos custos nos últimos anos. O custo total por hectare avançou 12,4% na safra 2014/15, depois de já ter se elevado em 14,5% na anterior. Os componentes que influenciaram para cima os custos foram praticamente os mesmos observados na lavoura de pequena escala.

Na composição dos custos da grande escala, os gastos com defensivos aumentaram 62,6% (por hectare) na última safra e, na anterior, destoando da estabilidade verificada para a pequena, o dispêndio com defensivo também cresceu, 7,2%, o que pode ser relacionado a período de compra entre uma escala e outra.

Os gastos com fertilizantes aumentaram 7,4% nessa última temporada e 8% na anterior, neste caso, também com variação distinta da obtida pelos produtores de pequena escala – que tiveram redução de 10% neste item em 2013/14. É provável que a diferença também esteja relacionada ao período de compra de um e outro produtor.

Sementes, na grande escala, tiveram reajuste estimado em 7,7% neste ano, enquanto que, no ano passado, a alta foi de apenas 2%.

Também atribuído ao reajuste do diesel e ao aumento no número de aplicações, o dispêndio com operações mecânicas estiveram 16,3% maiores neste ano; na temporada 2013/14, a alta foi de 11,5%.

O recuo nos gastos com irrigação foi bastante acentuado neste ano, de aproximadamente 50% em relação à temporada passada, bastante seca. Já no ano passado, a alta foi de quase 2,5 vezes comparativamente ao ano retrasado.

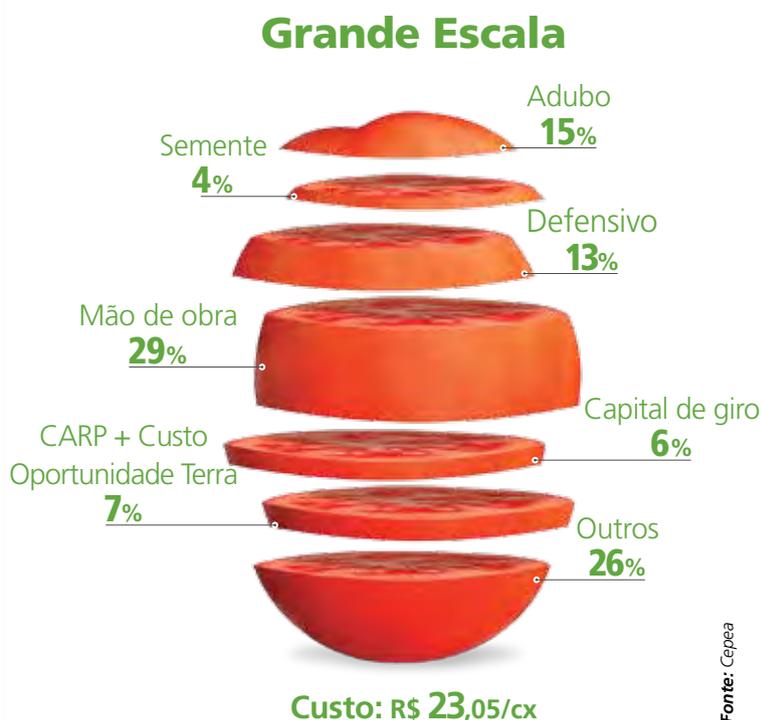
Mão de obra, embora tenha tido alta menos acentuada que nos últimos anos, ainda segue impulsionando os custos. Na grande escala, o aumento dos gastos com esse item foi de 8,4% para a safra 2014/15. O reajuste maior quando comparado à pequena escala se deve à maior dificuldade para a contratação de grande número de trabalhadores. Assim, além do aumento obrigatório do salário mínimo aplicado à remuneração de cada trabalhador, também houve reajuste nas gratificações. No ano anterior, a alta nos custos com mão de obra havia sido de 11,8%.

Outro componente que seguiu em alta foi o arrendamento de terra, que teve seu custo ampliado em 11% nesta safra e em 20% na anterior. Esses reajustes possivelmente estão relacionados aos bons preços do

tomate e de outros produtos agrícolas nas últimas safras, o que motiva a demanda por terras na região. De acordo com produtores locais, culturas que antes não tinham uma forte demanda por terras na região, hoje têm uma participação bem maior.

Os demais itens que compõem os custos também seguiram em alta: viveiristas, replantio, despesas com utilitários, despesas gerais, financiamento do capital de giro e CARP. O aumento dos custos com viveiristas ocorre por conta desse serviço ter ficado um pouco mais caro na temporada 2014/15 frente à anterior. O replantio aumentou pela alta do custo com viveiristas e das sementes. As despesas com utilitários tiveram um aumento principalmente pela alta dos combustíveis. As despesas gerais são compostas por diversos itens e a maioria destes também apresentou reajuste nos valores. O custo do capital de giro também ficou mais elevado porque a cultura ficou mais cara na última temporada. Já a alta no CARP se deve principalmente ao reajuste nos preços das máquinas e implementos. ■

### DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM O CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR (%) - SAFRA 2014/15



DO CAMPO ATÉ A CIDADE,  
VOCÊ FAZ A DIFERENÇA.

Acreditamos na força da parceria. É essa força que nos faz crescer e superar os desafios do dia a dia.

#TAMOJUNTO  
2015



## HORTITEC / OPEN FIELD DAY

Visite nosso estande na Hortitec 2015 e aproveite para conhecer os lançamentos e principais produtos das nossas linhas de sementes de hortaliças, diretamente no campo no **Open Field Day** que será realizado em nossa Estação Experimental, a 8 km de Holambra/SP.

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ

### HORTITEC

- Data: 17 a 19 de junho
- Horário: 9h às 19h
- Local: Holambra SP - Setor Azul / Estande 24



- Data: 17 a 19 de junho
- Horário: 7h às 16h
- Local: Estação Experimental

NOVO LOCAL  
SP 340, km 147.2  
(Sentido Mogi Mirim/Campinas)  
Santa Antônio de Posse/SP  
COORDENADAS 22°33'50.77"S 47°00'04.0"W

### LANÇAMENTOS 2015



TOMATE TYSON F1



TOMATE ITAIPAVA F1



MELANCIA RANGER F1



ALFACE ASTRA



CEBOLA CELEBRA F1

LINHAS:





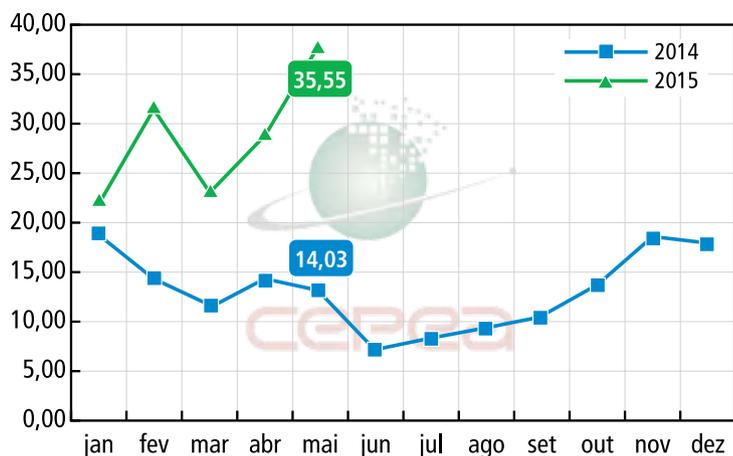
## Colheita da temporada de inverno começa em MG e Sul

### Safra mineira de inverno pode ter menor produtividade

A colheita da temporada de inverno 2015 em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG) deve se iniciar nas últimas semanas de junho, ligeiramente mais cedo que o normal, por conta da antecipação do plantio observada neste ano. A expectativa, porém, é de baixa produtividade nos meses iniciais da safra. Isso porque, ao longo do mês de maio, houve elevado volume de chuvas na região, situação atípica para o período, e o excesso de água no solo fez algumas mudas de cenouras senescer, resultando em falhas nas lavouras. Além disso, o aumento da umidade fez com que muitos produtores reduzissem o ritmo de plantio no mês passado. Em maio, a oferta de cenouras em Minas Gerais ficou reduzida, por conta das chuvas, impulsionando as cotações da raiz. A caixa “suja” de 29 kg foi comercializada à média de R\$ 35,55 no mês, alta de 27% na comparação com abril. Esse valor ficou 161% acima dos custos de produção, estimado pelos produtores em maio, de R\$ 13,6/cx. Com esse cenário de baixa oferta, o intervalo de oferta, que geralmente ocorre entre o fim da temporada de verão e o início da de inverno, não deve ser tão acentuado como em outros anos.

### Cenouras do Sul se destacam pela qualidade

Em junho também começa a colheita de cenoura da safra de inverno 2015 do Rio Grande do



**Com baixa oferta, preço sobe em maio**  
Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

Sul e Paraná. As atividades de plantio se iniciaram em março e seguem satisfatórias, uma vez que as chuvas e as temperaturas diminuíram em ambos os estados em maio, gerando condições favoráveis à cultura. Desta maneira, as raízes tiveram bom desenvolvimento e apresentam elevada qualidade, o que estimulou compradores de outros estados a adquirir mais cenouras do Sul. Isso porque a chuva nos últimos meses acabou afetando a qualidade das raízes de outros estados produtores. Com a maior procura do produto sulista, os preços locais subiram. Nas roças do Rio Grande do Sul, o preço médio em maio foi de R\$ 31,07/cx “suja” de 29 kg, 18% maior em relação ao de abril, enquanto, no Paraná, a cotação média foi de R\$ 34,28/cx, valorização de 26% na mesma comparação. Conforme previsões meteorológicas da Somar Meteorologia, as chuvas deverão ficar dentro do padrão histórico no Sul nos próximos meses. Desta forma, produtores sulistas deverão continuar oferecendo cenouras de boa qualidade, promovendo boa demanda e preços atrativos.

### Concorrência com MG pode valorizar produto da BA

Produtores têm expectativa de que as cotações da cenoura em Irecê e João Dourado (BA) subam em junho. Isso porque em Minas Gerais, principal estado fornecedor, os preços estão elevados e, as raízes, com baixa qualidade (finas e miúdas). A concorrência com o mercado mineiro, portanto, deve resultar em valorizações nas praças baianas. Além disso, o menor volume de chuva ocorrido na Bahia em relação aos demais estados proporcionou boa qualidade ao produto local. Assim, a caixa “suja” de 20 kg foi vendida à média de R\$ 27,33 em maio, valorização de 12% frente ao mês anterior. Em relação ao plantio da safra do segundo semestre, as atividades seguem em ritmo normal. A estimativa é de que a rentabilidade na Bahia seja positiva nesta temporada. No entanto, os resultados ainda dependerão do comportamento do clima, e sobretudo da disponibilidade de água nos próximos meses.





## Produtores baianos interrompem cultivo por falta de água

### Chapada Diamantina tem forte redução de área

A área de tomate cultivada na Chapada Diamantina (BA) para este segundo semestre terá redução, frente ao mesmo período do ano passado. O baixo volume dos reservatórios que abastecem algumas lavouras de tomate da região fez com que parte dos tomaticultores locais suspendessem o cultivo, até que se reestabeleçam os níveis de água necessários para as atividades de campo. Essa restrição hídrica advém dos baixos índices pluviométricos nos últimos anos na região nordestina. Em consequência, a partir deste mês, haverá uma acentuada redução de área colhida com tomate na Chapada, que se for mantida até o final do ano, pode representar uma redução de cerca de 30% da área no total prevista para o ano. Por outro lado, essa redução na oferta deve contribuir para que os preços de mantenham em bons patamares para o produtor baiano durante a safra de inverno.

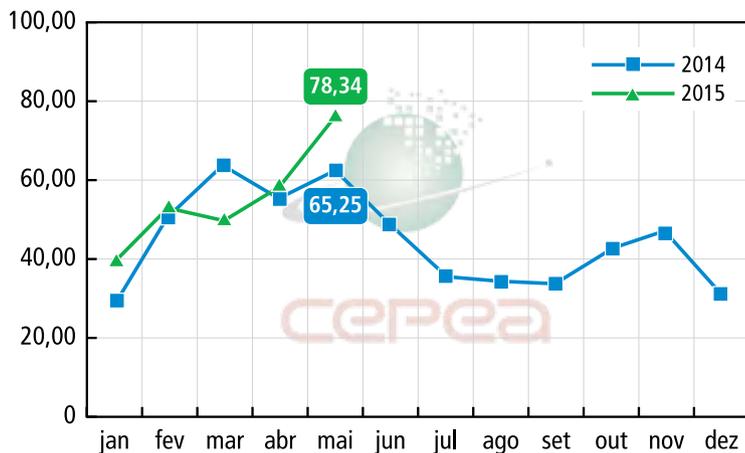
### São José de Ubá inicia colheita neste mês

A colheita de tomate em São José de Ubá (RJ) deve se iniciar em junho, com perspectiva de redução de área e de produção, segundo tomaticultores consultados. Neste mês, a região deve colher por volta de 240 mil pés, 30% a menos que no mesmo período da safra anterior. Essa redução deu-se pela falta de água no início do ano, aliada à incidência

de algumas doenças. Entre elas estão o vira-cabeça, que ocorreu nas primeiras lavouras, que se desenvolveram durante o clima bastante seco entre o final de 2014 e início de 2015, e a pinta bacteriana, causada pelas chuvas de abril. Tais fatores levaram à quebra de produtividade, além de aumentar os custos de produção, com a intensificação das pulverizações, o que pode limitar a rentabilidade dos produtores, que já vem comprometida das últimas temporadas. Nesta safra, porém, não houve sérios danos ocasionados pela raça 3 de *Fusarium oxysporum* f. *lycopersici*, pois os produtores plantaram variedades resistentes. Além da rentabilidade, os gastos com mão de obra são limitantes para a manutenção e/ou aumento de área cultivada. A colheita de São José de Ubá deve ocorrer até o mês de setembro. No total da safra, serão ofertados cerca de 2,8 milhões de pés de tomate – 27% menor que a de 2014 – sendo 70% longa vida, e 30% italiano, produção que abastecerá principalmente o atacado fluminense.

### Safra de tomate industrial começa neste mês

A colheita do tomate destinado à indústria se inicia no final de junho, quando o normal seria no início de maio. Esse atraso é consequência das chuvas ocorridas nos meses de março, abril e maio, o que atrasou o transplântio de algumas áreas. Com as precipitações, produtores enfrentaram alguns problemas com requeima, que foi controlada com o aumento das pulverizações. A área total do tomate destinado à indústria deve ter redução em torno de 8% neste ano em relação ao anterior. Isso se deve, principalmente, ao elevado estoque de polpa acumulado em 2014, reflexo da elevada produtividade das lavouras e da queda nas vendas. Para o final deste mês, a expectativa é que o volume a ser colhido ainda será baixo, devendo se intensificar apenas a partir de julho. Como os preços do tomate industrial são fechados antecipadamente, por contrato, a redução na oferta este ano, pela menor área e produtividade, não irá impactar nos valores recebidos pelos produtores nesta safra.



### Oferta ainda reduzida eleva preço em maio

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

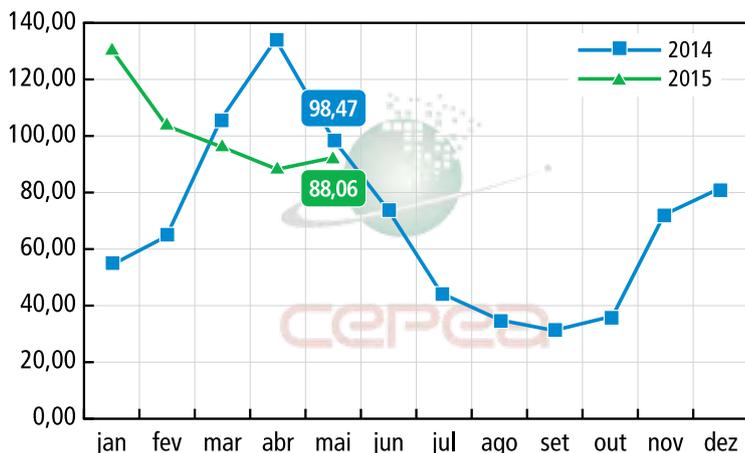




## Produtividade da safra das secas deve aumentar em junho

A colheita da safra das secas deve se intensificar em junho, quando 54% da área total deverá ser colhida. Produtores das regiões de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul (PR), Ibiraiaras/Santa Maria (RS) e Sul de Minas, que começaram a colheita em maio, colherão mais de 50% de suas áreas em junho. Em maio, a produtividade média foi de 27,5 t/ha, considerada baixa, pois as primeiras áreas colhidas foram plantadas em período de tempo seco e quente (janeiro). A expectativa nessas regiões é de melhora na produtividade em junho de 8,3% frente à de maio. No Sudoeste Paulista, a colheita se iniciou efetivamente em junho, e o pico deve ocorrer em julho e agosto. Houve atraso no plantio nas roças paulistas devido às chuvas em fevereiro e março. Desta forma, parte da oferta prevista para julho deve ser deslocada para agosto. Com o clima chuvoso e quente durante o plantio, as roças tiveram problemas com murchadeira e canela-preta. Bataticultores relataram perdas de até 10% devido à murchadeira, e a possibilidade de descartes de parte da produção por conta da canela-preta. A expectativa dos produtores de SP é que a partir de julho os tubérculos apresentem melhor qualidade, e a produtividade na região se aproxime do potencial produtivo, de 32 a 35 t/ha.

## Temporada das águas termina com resultados positivos



## Preço sobe com diminuição da oferta das águas

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca

Produtores de Água Doce (SC), Bom Jesus (RS) e Guarapuava (PR) encerraram a colheita da safra das águas em maio (o início foi em janeiro). Água Doce foi a primeira a finalizar os trabalhos, e produtores classificam a safra como bastante positiva, visto que a produtividade média ponderada pelo calendário de colheita foi de 36 t/ha, com preços médios de R\$ 69,32/sc de 50 kg, 69,9% acima do custo estimado de produção (R\$ 40,80). Em Guarapuava, o saldo também foi positivo, dada à ausência de problemas fitossanitários e produtividade média ponderada de 36,33 t/ha. Produtores paranaenses receberam, em média, R\$ 61,05/sc beneficiada, 43,81% acima dos custos estimados, de R\$ 42,45/sc. Em Bom Jesus, a colheita prosseguiu até o fim de maio. As chuvas durante o plantio foram o principal fator limitante da produtividade na região, causando perdas de sementes e apodrecimento de alguns tubérculos. Agentes gaúchos estimam produtividade média de 25 t/ha, 16,6% abaixo do potencial produtivo da região.

## Clima reduz produtividade no Triângulo

A safra das águas 2014/15 do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba teve resultados limitados devido à quebra de produtividade ocasionada pelo clima. Durante o plantio, houve falta de chuva, o que gerou perda de sementes e desenvolvimento limitado, sobretudo em áreas de sequeiro. Em fevereiro, o retorno de chuvas volumosas aliadas e as altas temperaturas favoreceram a incidência de nematoides. Entre março e abril, houve queda de 42,5% na produtividade, com descarte de batata de até 25%. Na parte final da safra (entre abril e maio), o rendimento melhorou, chegando a 30 t/ha, devido à redução de nematoides. Na safra, a produtividade média ponderada do Triângulo foi de 25,45 t/ha, 27,8% abaixo do potencial produtivo. Outro problema enfrentado na região mineira foi a desvalorização das batatas frente às das demais regiões devido ao menor calibre e problemas na pele. Na safra (de janeiro a maio) produtores receberam R\$ 51,63 /sc de 50 kg, valor 8,3% acima dos custos de produção, de R\$ 47,64.

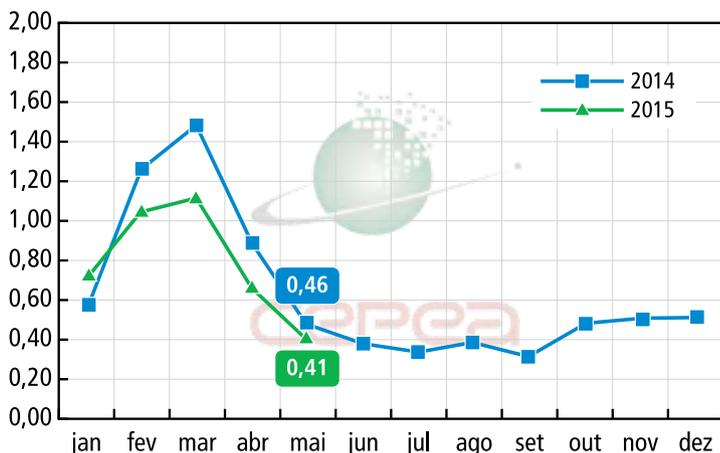




## Safra de verão deve fechar no azul

### Colheita da safra de verão deve ser encerrada neste mês

A colheita da safra de verão de folhosas deve ser finalizada em junho nas regiões de Mogi das Cruzes e de Ibiúna (SP), dando início às atividades de inverno, conforme o planejamento de produtores – as atividades começaram em dezembro/2014. Mesmo com os problemas enfrentados durante a safra, os resultados devem fechar no azul, pois, na média da temporada até o momento (dezembro/14 a maio/15), os preços ultrapassaram em 25% os custos de produção das alfaces crespa, lisa e americana estimados por produtores. No início de maio, especificamente, a qualidade das alfaces melhorou. Segundo colaboradores, neste período do ano, o desenvolvimento das folhosas geralmente é satisfatório e, com isso, produtores puderam reduzir os gastos com adubos e tratamentos culturais, diminuindo, conseqüentemente, o valor mínimo para cobrir o custo de produção das alfaces. Na segunda quinzena de maio, no entanto, chuvas em maior volume em Ibiúna e Mogi das Cruzes prejudicaram a produção, e houve, ainda, granizo em Ibiúna, causando perdas no campo e reduzindo a oferta das folhosas. Assim, alguns compradores desta praça se abasteceram com folhosas de Mogi das Cruzes. Esse cenário, por sua vez, elevou o preço da alface crespa no final do mês, mas ainda assim ocorreu uma queda de 38% na roça paulista, frente à média verificada em abril.



### Vendas de mudas caem até 30% em abril

O outono e o inverno são épocas do ano em que o consumo de folhosas tipicamente se desaquece, por questões de hábitos. Além disso, a produtividade das lavouras é superior à de verão, por conta do clima mais favorável ao desenvolvimento das folhosas. Desta forma, na safra de inverno (que é colhida entre junho e dezembro), produtores das regiões paulistas de Mogi das Cruzes e de Ibiúna geralmente diminuem a área de folhosas, em comparação com o plantio de verão. Segundo viveiristas, em maio, as vendas de bandejas de mudas de alfaces caíram de 20 a 30%, em comparação a abril, quando as negociações já vinham diminuindo. Essa queda, porém, está dentro do que geralmente ocorre, não sendo verificada até o momento redução no plantio, frente à safra de inverno 2014. Contudo, neste ano, alficultores paulistas devem ficar novamente atentos ao clima, uma vez que há possibilidade de um inverno menos seco no estado de São Paulo, o que impactaria na produtividade das roças de inverno.

### Clima ameno reduz vendas de folhosas

As temperaturas mais baixas em maio no estado de São Paulo desaqueceram as vendas de folhosas – a temperatura média no mês foi 10% menor em relação à de abril, segundo dados da Somar Meteorologia. De acordo com produtores das regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna, além das temperaturas mais baixas enfraquecerem o consumo, o tamanho das alfaces também reduz as vendas das folhosas. Isso porque, neste período do ano, as alfaces (ainda da safra de verão) chegam a dobrar de tamanho e apresentam excelente qualidade, por conta das condições climáticas. Assim, consumidores acabam comprando menos pés. Com isso, os preços se mantiveram baixos ao longo de maio. A alface americana foi a que apresentou a maior desvalorização no mês na Cegesp, de 45% em relação a abril, com média de R\$ 11,38/cx com 18 unidades.

### Preço da crespa tem queda com baixo consumo

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepepa





## Clima seco pode limitar exportação

### Falta de chuva pode limitar aumento das exportações

O envio de melões à União Europeia poderá ser maior na próxima safra. Segundo produtores do Rio Grande do Norte/Ceará, a demanda dos importadores daquele bloco está um pouco mais elevada para o fechamento dos contratos. Porém, com o reduzido volume de chuva nos dois estados, melonicultores poderão ter dificuldades em ampliar a área destinada ao plantio da fruta. Dessa forma, para que haja um incremento no volume de exportações, deverá ocorrer um desvio dos melões que seriam destinados ao abastecimento do mercado interno. A decisão pela exportação ou comercialização no Brasil, por sua vez, dependerá dos preços da fruta no mercado doméstico, bem como do comportamento do câmbio. Outro aspecto discutido por produtores do RN/CE é a alta dos custos com frete marítimo. Com isso, a fruta poderá chegar aos portos europeus com preços mais elevados, tendo um impacto negativo nas vendas do melão brasileiro no exterior.

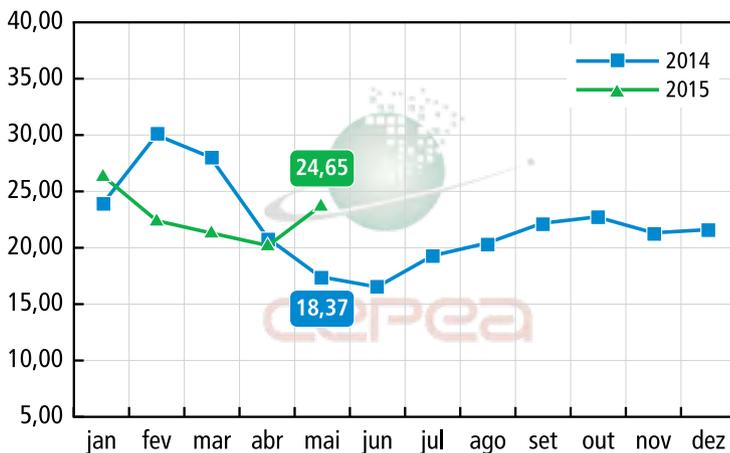
### Plantio da safra 15/16 é iniciado no RN/CE

No final de maio, produtores do Rio Grande do Norte/Ceará iniciaram o plantio da temporada 2015/16 – que deve começar a ser colhida em julho –, preocupados com o baixo volume de chuva e com a alta dos custos de produção. Esse contexto, inclusive, tem feito com que produtores busquem novas regiões com maior segurança hídrica para a

continuidade do plantio da fruta e muitos já estudam a possibilidade de redução da área em praças tradicionais. A alta do dólar e o aumento dos gastos com energia elétrica e mão de obra têm encarecido a produção. Esse cenário, por sua vez, pode favorecer produtores do Vale do São Francisco (BA/PE), já que deve elevar o volume de vendas e os carregamentos dessa região até julho. Quanto aos melões nobres, produtores potiguaras e cearenses acreditam que darão início à colheita apenas em agosto, com aumento mais significativo a partir de setembro. A reduzida oferta das variedades orange, pele de sapo, cantaloupe e gália tem proporcionado excelentes oportunidades para aqueles que ainda trabalham com essas frutas. Em maio, a média do melão orange comercializado na Ceagesp foi de R\$ 21,94/cx de 6 kg, valor 56% superior à de maio/14.

### Aumenta o volume útil de Sobradinho

O reservatório de Sobradinho, no Vale do São Francisco (BA/PE), estava operando com 21,3% de sua capacidade até o fechamento desta edição, segundo dados da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf). Em fevereiro, o reservatório operava com 17% da capacidade, aumento de 4,3 pontos percentuais. Essa elevação do volume útil do reservatório anima produtores, que estavam bastante preocupados com a crise hídrica na região. A vazão do reservatório, porém, segue reduzida, a 900 m<sup>3</sup>/s. A falta de chuvas é prejudicial para o plantio e faz com que produtores precisem investir em adaptações nos sistemas de captação de água. Precipitações em excesso, por outro lado, também preocupam. No início de maio, chuvas na região prejudicaram a colheita e a qualidade dos melões. As precipitações reduzem a concentração de açúcar na fruta e, com isso, o melão torna-se aguado e menos doce, fatores que afastam consumidores e, consequentemente, pressionam as cotações. Em meados de maio, no entanto, com o término do período chuvoso no Vale do São Francisco, as frutas já apresentavam boa aparência e coloração atrativa.



### Com menor oferta, melão valoriza na Ceagesp

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepeca





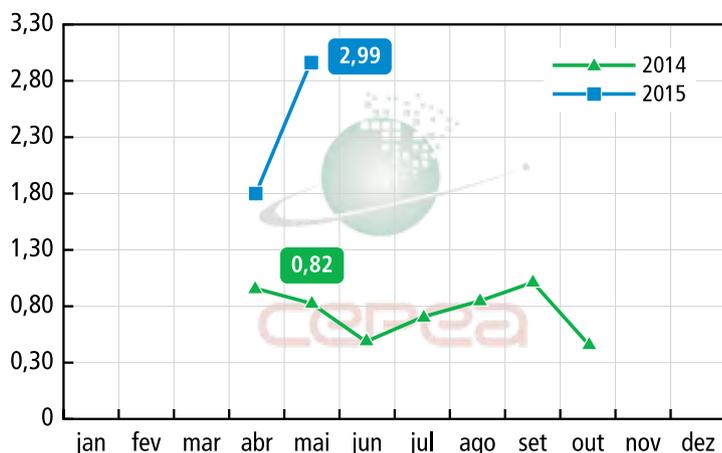
## Minas Gerais inicia safra com preços em patamares elevados

### Colheita segue até novembro no Triângulo Mineiro

Produtores do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba iniciaram a safra de cebola na primeira quinzena de maio, período em que a oferta geral da cebola estava bastante baixa no mercado. Com isso, os produtores locais obtiveram excelentes preços, de até R\$ 63,50/sc de 20 kg de caixa 3 (beneficiada) em maio. A seca predominou na região de novembro/14 a janeiro/15, período tipicamente chuvoso. As chuvas vieram efetivamente a partir da segunda quinzena de fevereiro, normalizando os índices pluviométricos. Por outro lado, as precipitações atrasaram um pouco o plantio da temporada entre março e abril. Entretanto, a colheita seguiu conforme o planejado – apenas em alguns dias as precipitações reduziram o ritmo das atividades no campo. Quanto à produtividade, foi de 45 t/ha em maio, dentro do esperado, segundo cebolicultores, mas ainda abaixo do potencial da região. Em maio, o custo de produção foi de R\$ 0,80/kg enquanto que o preço ao produtor foi de R\$ 2,80/kg. A expectativa é que em julho o Triângulo Mineiro chegue ao pico da safra, quando 30% dos bulbos cultivados devem ser ofertados. A disponibilidade seguirá alta em agosto e setembro, e produtores pretendem colher 25% do total da área cultivada em cada mês. A temporada na região mineira deve finalizar em novembro.

### Cai produtividade das roças de Irecê

O rendimento das lavouras de cebola híbrida



de Irecê (BA) caiu 28% em um mês para cerca de 65 t/ha – em abril, a produtividade na região foi de 90 t/ha. Mesmo com a redução, produtores ainda consideram o índice produtivo satisfatório. O motivo foi a diminuição do fotoperíodo (menor luminosidade ao longo do dia), que fez com que os bulbos se desenvolvam mais lentamente. Por outro lado, o clima foi favorável em maio, com chuvas esporádicas que não comprometeram a colheita e a qualidade dos bulbos. Conforme produtores baianos, não há preocupação com a falta de água, visto que os reservatórios estavam, até o final de maio, com boa capacidade para irrigação. Por conta da baixa oferta geral no mercado, agricultores da Bahia receberam bons preços pela cebola em maio, cerca de R\$ 3,00/kg, 80% acima dos custos de produção, estimado em R\$ 0,60/kg. A área plantada em Irecê soma 700 hectares com cebola, e estima-se que desse total, 175 hectares já tenham sido ofertados nos primeiros meses de safra (abril e maio).

### Preços superam expectativas dos produtores do Vale

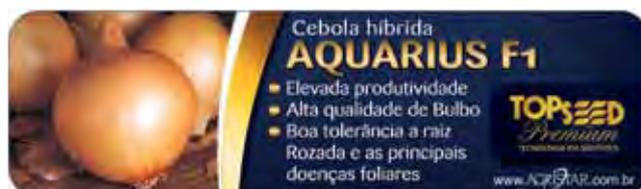
Com baixa oferta de cebola no mercado, o preço do quilo do produto em maio no Vale do São Francisco teve aumento de cerca de 40% em relação ao de abril, a R\$ 69,20/cx de 20 kg de caixa 3 (beneficiada). Produtores da região e também do Cerrado Mineiro aproveitaram para escoar o volume colhido, e o mercado tem apresentado boa liquidez. Além da boa demanda e da baixa disponibilidade, a redução no volume de importações em maio ajudou a elevar os preços internos. No entanto, até abril, as importações ainda eram crescentes. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a abril deste ano, foram importadas da Argentina 40 mil toneladas, alta de 5% em relação ao ano passado, quando foram adquiridas 38 mil toneladas no mesmo período. A expectativa é que os preços internos, no geral, continuem elevados em junho, mesmo com produtores de Piedade e Divinolândia (SP) intensificando a colheita da variedade bulbinho, além de Cristalina (GO), que também iniciará com maior efetividade a safra de cebolas híbridas.



### Preço dispara em maio

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepeca

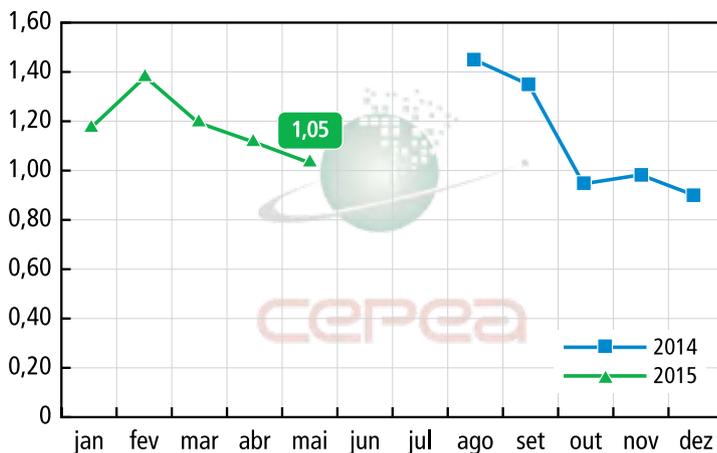




## Plantio ocorre em quase todo o País em junho

### Chuvas atrasam plantio e colheita em Uruana

Com as chuvas frequentes desde abril na região de Uruana (GO), alguns produtores de melancia enfrentam dificuldades em realizar o preparo de solo. Com isso, o plantio, que estava planejado para ser intensificado na segunda quinzena de junho, pode ser adiado. Esse cenário, por sua vez, deve manter a oferta da fruta mais escalonada, pelo menos até julho. Em maio, foi iniciada a colheita das frutas cultivadas no começo deste ano e o excesso de umidade também prejudicou as atividades. Além disso, a precipitação elevou a proliferação de bactérias. Com isso, produtores estimam que a produtividade das primeiras lavouras colhidas seja 30% inferior ao potencial da cultura, o que pode gerar prejuízos. Com a redução gradativa das chuvas no final de maio, a qualidade das melancias começou a melhorar. Apesar disso, o volume colhido ainda seguia baixo até o final do mês, principalmente o da fruta graúda de melhor qualidade (>12 kg), que estava valorizada – o preço médio de venda dessa melancia na região goiana foi de R\$ 0,61/kg em maio. Já a fruta média (de 10 a 12 kg) foi negociada à média de R\$ 0,46/kg no mesmo mês, devido à oferta mais elevada deste calibre. Segundo o Cptec/Inpe, para o trimestre maio-julho tem início o período mais seco do ano nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País, e a estimativa é de grande irregularidade das chuvas, com temperaturas podendo ficar um pouco acima da média para o período, o que pode favorecer a intensificação do



### Cotação segue em queda em maio

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea

plantio e a qualidade da fruta ofertada.

### Plantio se intensifica em Tocantins

O plantio de melancia deve ser intensificado em junho nas regiões de Formoso do Araguaia e de Lagoa da Confusão (TO), e as atividades envolvendo as variedades precoces devem ser finalizadas em julho. No começo de maio, produtores concentraram o plantio em áreas de sequeiro e, na segunda quinzena do mês, nas de várzea do rio, já que as chuvas diminuíram no período. Apesar da preocupação de muitos produtores quanto ao elevado volume de chuva no início de maio, o plantio não foi atrasado. Para o trimestre maio-julho, previsões do Cptec/Inpe indicam chuvas abaixo da média, o que deve favorecer as atividades de campo e a sanidade das lavouras. A colheita das primeiras frutas tocantinenses deve iniciar no final de junho.

### Área plantada em SP deve ser menor nesta safra

O plantio da safra principal de Oscar Bressane e de Presidente Prudente (SP) foi iniciado, aos poucos, em maio, e deve ser intensificado em junho. A previsão é que as atividades se estendam até setembro, com a área plantada um pouco menor em relação à do ano passado. O motivo é o preço abaixo do esperado na safrinha paulista. Além disso, pesou sobre os investimentos em área a dificuldade de se conseguir terras para o plantio – inclusive, alguns produtores têm optado por cultivar a fruta em outras regiões do interior paulista. Com relação à safrinha da praça de Itápolis, esta se encerrou no final de maio. O rendimento médio foi bem abaixo do potencial produtivo da região (estimado em 35 t/ha), o que limitou a rentabilidade média. Isso porque a safrinha local teve maior produção de melancias médias e miúdas, que, por sua vez, têm deságio em relação ao preço da fruta graúda. A média dos preços da fruta graúda (>12 kg) registrada em Itápolis entre abril e maio foi de R\$ 0,52/kg e a da fruta média (10 a 12 kg), de R\$ 0,40/kg, respectivamente 73% e 33% acima do mínimo estimado para cobrir os custos (R\$ 0,30/kg).

Visite o estande da  
**Hortifruti** na 22ª Hortitec!

Setor Azul - 17 a 19 de junho - Holambra/SP

**Maior conservação no pós-colheita:  
garantia de polpa firme e crocante  
da colheita à mesa do consumidor.**

Escolha Manchester, o híbrido  
mais cultivado do Brasil.



**Manchester**

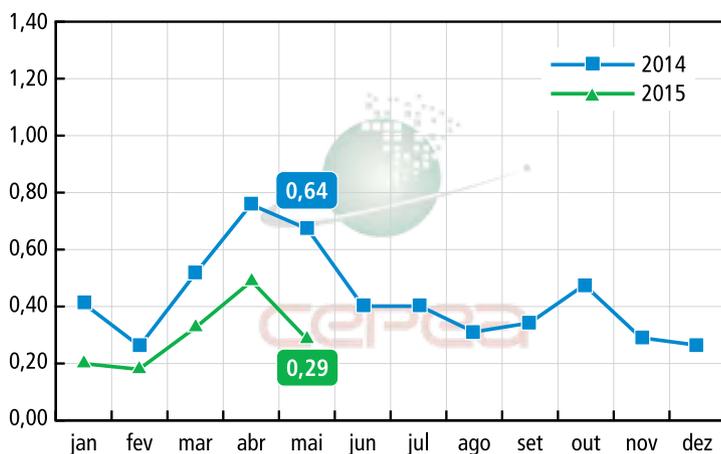
syngenta.



## Mesmo com mais prata em MG, preços podem se sustentar em junho

### Oferta de banana prata aumenta neste mês

A oferta de banana prata deve aumentar a partir de junho no Norte de Minas Gerais. Segundo bananicultores da região, o aumento da colheita geralmente acontece em maio, porém, neste ano, alguns fatores desaceleraram o desenvolvimento e amadurecimento da fruta, atrasando também o período de intensificação da safra. A intensa crise hídrica na região e as temperaturas mais amenas em abril e maio fizeram com que o ciclo produtivo das bananeiras fosse mais lento. Além disso, a menor quantidade de água disponível afetou o desenvolvimento de novos cachos. O atraso no começo da safra mineira deve prorrogar também o pico de oferta, que está previsto para acontecer entre outubro e dezembro. Com este cenário, a banana produzida na região foi considerada de baixa qualidade em maio (calibre inferior ao ideal), quando comparada ao padrão local. No mês passado, a demanda por banana prata esteve acima da oferta disponível, mesmo com a baixa qualidade, havendo até mesmo cancelamento de pedidos pela falta de fruta para entrega, o que impulsionou as cotações da variedade da praça mineira. A expectativa de produtores do Norte de MG é de que os preços se mantenham altos, mesmo com o aumento da oferta na região em junho. Isso porque, a praça concorrente, Bom Jesus da Lapa (BA), deve ter aumento de oferta de prata apenas em julho.



### Preço em SC é menor neste ano frente 2014

Preços médios recebidos por produtores do norte de Santa Catarina pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea

### Nanica concorre com outras frutas da época

O mercado de banana nanica tem apresentado cenário oposto ao de prata. Em maio, a oferta de nanica esteve elevada, pressionando as cotações. Esse movimento pode se manter ainda em junho no Norte de Santa Catarina. Mesmo com a menor disponibilidade neste ano frente a 2014, houve sobra de fruta no bananal, sobretudo no Vale do Ribeira. Com isso, a rentabilidade da cultura tem sido prejudicada. Para agricultores, a concorrência acirrada com outras frutas da época foi um dos principais motivos para a baixa na demanda em maio. No entanto, isso não deve ocorrer em junho, tendo em vista que a oferta dessas frutas será menor. A expectativa, portanto, é de que o mercado possa reagir em junho. Por outro lado, alguns produtores paulistas e catarinenses se preocupam com o aumento de oferta de banana em outras regiões, o que pode dificultar as vendas das frutas locais.

### Exportações de banana recuam na parcial de 2015

O volume exportado de banana brasileira recuou nos cinco primeiros meses de 2015 quando comparado ao mesmo período de 2014. O total enviado de janeiro a maio foi de 35,2 mil toneladas, com receita de US\$ 11,3 milhões, quedas de 21% e 35%, respectivamente, segundo a Secex. O principal motivo tem sido a redução dos envios para a União Europeia, que comprou pouco menos da metade das aquisições do ano passado. Os envios ao Mercosul até aumentaram, mas não compensaram a queda para a UE. O estado brasileiro que mais exportou até abril foi Santa Catarina, principal responsável por abastecer a maior parte dos pedidos do Mercosul (63%). Para os próximos meses, exportadores brasileiros esperam que com o aumento da oferta o mercado interno fique menos vantajoso e os envios ao exterior aumentem. Por outro lado, em algumas regiões, seria necessária mais chuva para que a qualidade da fruta atingisse o padrão de qualidade, sobretudo para os embarques à Europa.



Visite o estande da  
**Hortifruti** na 22ª Hortitec!

Setor Azul - 17 a 19 de junho - Holambra/SP



## Viticultores do Vale relatam dificuldades para custear safra

### Acesso ao crédito tende a ser mais difícil neste ano

Viticultores do Vale do São Francisco (BA/PE) estão enfrentando dificuldades para obtenção de linhas de crédito. O período entre o final de maio e início de junho é quando a maioria dos produtores planeja seus gastos e programa o crédito necessário para o custeio da safra do 2º semestre. Com o fraco desempenho da economia e o aumento dos juros, a obtenção de crédito tem sido mais difícil. Entretanto, viticultores locais informaram que estão buscando outras alternativas além do financiamento bancário. Alguns produtores, por exemplo, recorrem a adiantamentos de clientes para conseguir custear parte da safra. Porém, essa alternativa é mais onerosa e não apresenta as vantagens do financiamento bancário, que pode chegar a custear 100% da produção, além de apresentar prazos mais longos de pagamento. Viticultores disseram, contudo, que ainda é cedo para afirmar se a safra do segundo semestre no Vale pode ser prejudicada por esse cenário. Entretanto, a viticultura local apresenta uma realidade mais adversa em 2015, pois também há escassez de água, o que pode impactar negativamente na produção deste ano.

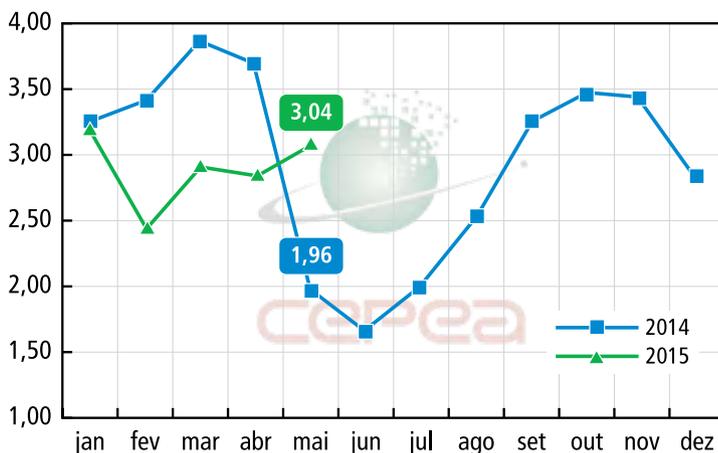
### Jales e Pirapora se preparam para início da colheita

Produtores de Jales (SP) e de Pirapora (MG) devem iniciar a safra 2015 neste mês. Agentes esperam que a praça paulista inicie primeiro, na segunda quinzena, enquanto a mineira começa

rá entre o final de junho e início de julho. A expectativa da maioria dos produtores é de que a temporada tenha boa produtividade, após a leve queda observada em 2014 por conta do clima seco. Entretanto, as chuvas no início do ano afetaram alguns parreirais, causando míldio, o que pode interferir no desenvolvimento das bagas e na qualidade da uva. Apesar disso, agentes esperam boa rentabilidade, assim como a observada no ano passado. Na última temporada de Jales, de junho a novembro/14, o preço médio de comercialização da uva Itália em Jales foi 53% superior ao valor estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Em relação à Niagara, o valor médio foi 173% superior ao custo. Em Pirapora, entre julho e novembro, a Itália embalada foi vendida em média a preços 62% superiores aos gastos, enquanto a Niagara apresentou uma rentabilidade unitária de 182%.

### Baixa qualidade da uva chilena pressiona cotações no atacado do BR

As importações brasileiras de uva foram 2% superiores de janeiro a abril de 2015, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Segundo a Secex, o volume comprado no primeiro quadrimestre chegou a pouco mais de 20 mil. As importações só não foram maiores porque a queda nos envios chilenos limitou os efeitos da forte recuperação das uvas argentinas no volume comprado pelo Brasil. Após uma queda drástica observada nos últimos anos, a Argentina iniciou em 2015 uma recuperação no fornecimento de uva ao mercado brasileiro. Dados do USDA indicam um aumento de 100% na produção argentina neste ano. Já em relação ao Chile, a ocorrência de chuva e outros fatores climáticos afetaram tanto a produção quanto a qualidade da uva. Dessa forma, o volume da uva chilena enviado ao País está 6% menor nos primeiros quatro meses deste ano frente ao mesmo período de 2014. Com a qualidade prejudicada, atacadistas tanto da capital paulista quanto de Campinas (SP) têm relatado dificuldades na comercialização da uva chilena, principalmente a *red globe*.



### Redução na oferta valoriza Itália em maio

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepea



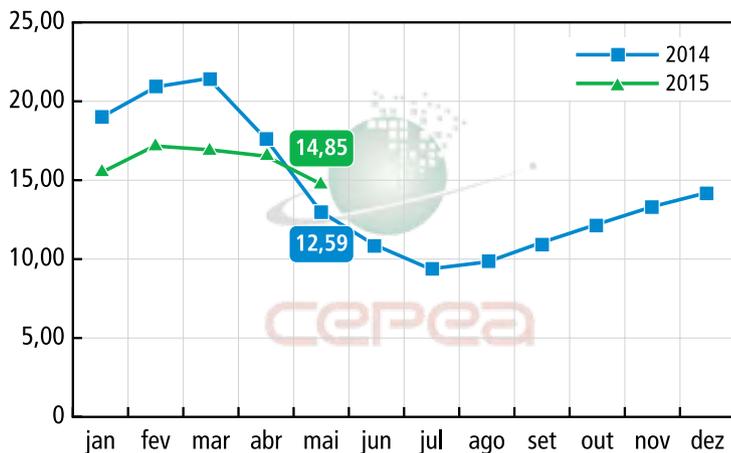


## Produção em SP e Triângulo Mineiro é estimada em 278,99 milhões de caixas

### Estoque de suco deve ficar próximo do mínimo histórico

Com base nos dados divulgados em maio pelo Fundecitrus e CitrusBR, que estimam produção de 279 milhões de caixas de 40,8 kg e processamento de 219 milhões de caixas, a previsão é que os estoques de suco de laranja das indústrias paulistas caiam ainda mais que o previsto anteriormente. Com esse cenário, os preços ao produtor podem ser mais remuneradores na temporada. Cálculos do Cepea indicam que os estoques finais da safra 2015/16, em junho de 2016, poderão ficar entre 200 a 250 mil t de suco em equivalente concentrado. Também foram levadas em consideração as expectativas de rendimento da CitrusBR, de 270 caixas de fruta para cada tonelada de suco, em equivalente concentrado, totalizando uma produção na ordem de 810,7 mil toneladas de suco. Apenas na temporada 2010/11 as indústrias paulistas atingiram níveis tão baixos de suco em estoque – 214,4 mil toneladas, segundo a CitrusBR. Consequentemente, aquela foi justamente a safra em que os valores pagos pelas indústrias no mercado *spot* atingiram recordes nominais, chegando a R\$ 16,00/cx. Assim, estes números justificam o comportamento das indústrias, que iniciaram as compras de laranja já no mês de abril, antecipando a menor disponibilidade de matéria-prima, diferente das duas últimas safras quando as compras começaram em maio/junho.

### Processamento deve começar em junho



### Pela primeira vez no ano, preço da pera supera 2014

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

No geral, a moagem industrial da laranja da safra 2015/16 está prevista para se iniciar em junho nas indústrias paulistas. Porém, até o final de maio, quatro unidades já estavam processando a matéria-prima de pomares próprios. Ainda não há informações de quantas plantas deverão operar na temporada, mas agentes das indústrias comentam que, devido à menor produção prevista, é possível que sejam menos unidades em relação à temporada anterior. Em 2014/15, considerando-se apenas as três grandes processadoras, 10 fábricas abriram para moagem. Além disso, o final da safra também poderá ser prolongado, visto que em muitos pomares a colheita deve se estender pelo menos até fevereiro de 2016, em função do “pegamento” da segunda, terceira e quarta floradas.

### Com safra da FL abaixo de 100 milhões, BR pode suprir demanda

A oferta de laranja e, conseqüentemente, de suco, é considerada crítica na Flórida na safra 2014/15 (outubro/14 a setembro/15). Segundo relatório de maio do USDA, a temporada deve somar 96,4 milhões de caixas de 40,8 kg, 8% a menos que em 2013/14. A oferta de suco de laranja norte-americano, por sua vez, pode cair ainda mais, já que o rendimento das frutas locais também está menor que o da safra passada, em 5%. Dessa forma, se convertido o volume total de laranja em suco, o potencial de produção nesta temporada seria 13% menor que o de 2013/14. Neste contexto, as indústrias da Flórida podem seguir demandando mais suco brasileiro, na tentativa de manter os estoques confortáveis. Mesmo com o consumo em queda e os preços em alta no varejo dos Estados Unidos, o Brasil exportou àquele país 26% mais suco de laranja (em equivalente concentrado) na parcial desta safra 2014/15 brasileira (de julho/14 a maio/15), dados da Secex. Caso essas novas estimativas se confirmem, a redução na produção de laranja na Flórida será de 11% em relação à primeira estimativa do USDA para a temporada 2014/15, que foi divulgada em outubro/14 – naquela época, o Departamento apontava aumento na produção em relação à anterior.





## Qualidade e câmbio elevam exportações

### Embarques se encerram em junho

As exportações brasileiras de maçã praticamente chegam ao fim em junho – no restante do ano é enviado volume pouco significativo ao exterior. Segundo maleicultores consultados pelo Cepea, a relação entre produção e volume exportado ficou dentro do esperado para esta safra. Na parcial do ano (janeiro a maio), foram enviadas 48 mil toneladas de maçã ao exterior, alta de 17% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo dados da Secex. A alta do dólar frente ao Real e a boa qualidade da fruta favoreceram os embarques. Além disso, maleicultores buscaram novos mercados consumidores no exterior, uma vez que, com o embargo russo, os estoques europeus, que costumavam comprar maiores volumes da maçã brasileira, estiveram elevados nos primeiros meses do ano. Até 1º de abril, o estoque de maçã na União Europeia estava 6,3% superior ao do mesmo período de 2014, de acordo com a Associação Mundial de Maçã e Pera (Wapa).

### Pela 1ª vez, Chile supera a Argentina nos envios ao BR

As importações totais de maçã recuaram 28% de janeiro a maio no comparativo com o mesmo período de 2014, somando 26,4 mil toneladas, segundo dados da Secex. Na série histórica da Secex, iniciada em 1989, este foi o primeiro quadrimestre no qual o Chile foi o principal fornecedor da fruta ao Brasil, posição tradicionalmente

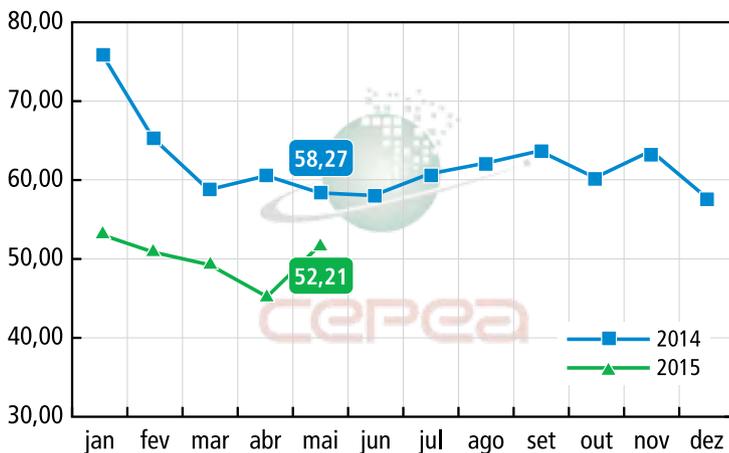
ocupada pela Argentina. O volume enviado foi 10,7% superior ao verificado no mesmo período do ano passado. A Argentina, por sua vez, ficou em segundo lugar nos primeiros cinco meses de 2015 e teve recuo de 61,6% nos envios na mesma comparação. As importações argentinas caíram com força em função da incidência da *Cydia pomonella* em carregamentos provenientes do país vizinho, o que fez com o Brasil embargasse as compras da fruta Argentina. Até o fechamento desta edição, o embargo às maçãs argentinas ainda não havia sido suspenso.

### Oferta de fuji aumenta em junho

Produtores de maçã, que vinham priorizando a comercialização da gala, começaram a embalar e vender uma maior quantidade de fuji no início de junho. Assim, algumas câmaras frias começaram a ser abertas no final de maio, para iniciar a classificação da fruta e posterior comercialização no mercado doméstico. Em relação aos preços da fuji, ainda seguem abaixo do esperado, pois o mercado da gala está mais favorável. Ainda assim, em maio, a procura pela fuji aumentou, fato que, aliado à boa qualidade, tem refletido em melhores valores de venda.

### Consumidores querem fruta miúda

A procura por maçãs miúdas tem se tornado cada vez mais intensa pelos consumidores brasileiros que nos primeiros meses deste ano, de acordo com agentes do setor. Essa mudança de comportamento se deve ao menor preço das maçãs miúdas. Já as frutas classificadas como Categoria 2 não têm apresentado bom ritmo de vendas. Agentes do setor relatam que os consumidores têm se dividido: os que priorizam a qualidade e pagam mais pela fruta Cat 1, e os que preferem preços mais baixos e optam pelas frutas miúdas. Porém, como os valores das frutas Cat 1 e Cat 2 não estão tão diferentes, ainda é vantajoso optar pela compra da maçã de melhor qualidade. Já os que buscam somente menores preços, consomem mais Cat 3, bem mais em conta que as anteriores.



### Boa procura pela gala eleva preços na Ceagesp

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 - 110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

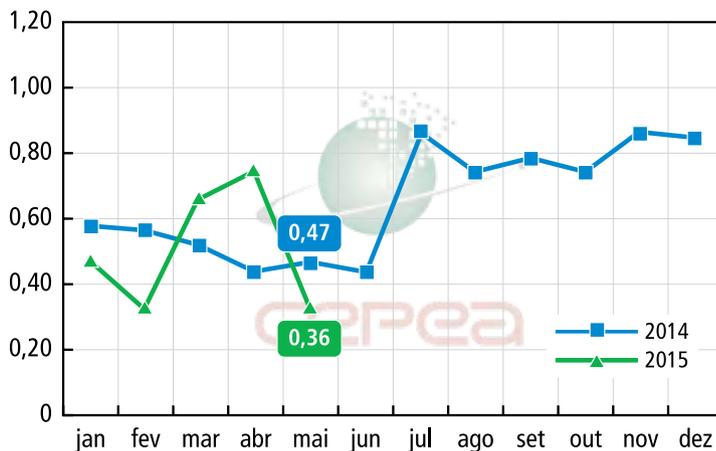




## Em período de “pescoço”, cotações podem se recuperar

### Oferta de mamão deve cair em junho no ES e Sul da BA

Com a oferta limitada de mamão em maio, principalmente da variedade havaí, a expectativa é de aumento das cotações a partir de junho no Espírito Santo e Sul da Bahia. A menor disponibilidade da fruta se deve à gradativa redução das temperaturas nas regiões produtoras desde maio, que atrasou a maturação do mamão e fez com que produtores de ambos os estados colhessem menos fruta no período, o que deve se repetir em junho. Além disso, neste mês, deve iniciar um período de “pescoço” causado pelo abortamento de flores em janeiro. No primeiro mês do ano, as altas temperaturas e a estiagem prejudicaram os mamoeiros, causando o abortamento. Também por conta disso, o mamão havaí capixaba está com calibre reduzido, o que tem prejudicado a comercialização da fruta. Quanto ao mercado, em maio, a demanda por mamão foi menor que a oferta disponível. Isso porque a redução da temperatura desestimula o consumo de frutas em geral. Além disso, a economia estagnada do País também tem motivado a redução da procura, tendo em vista que o mamão é uma fruta considerada cara pelos consumidores. Em maio, na Ceagesp, a desvalorização do mamão havaí tipo 15 a 18 foi de 29% se comparado com o mês de abril, sendo comercializado à média de R\$ 12,78/cx de 8 kg. Já a variedade formosa teve redução de 44% nos preços, e foi vendida a R\$ 10,73/cx de 13 kg.



### Com maior oferta, formosa desvaloriza

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão formosa, em R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepeca

### Exportações seguem em alta

Os envios de mamão ao exterior devem seguir a todo o vapor em junho, conforme esperam exportadores. Isso porque com redução do consumo de mamão no mercado brasileiro, produtores têm direcionado cada vez mais a fruta ao mercado externo. Além disso, a elevação das temperaturas na Europa faz a demanda pelo mamão aumentar. De janeiro a maio deste ano, o volume exportado, de 16,5 mil toneladas, foi 18% maior em relação ao mesmo período de 2014, de acordo com dados da Secex. Porém, a receita obtida em dólares foi menor. O montante acumulado com os envios foi de US\$ 18,6 milhões, 7% inferior na mesma comparação, como resultado da valorização do dólar em relação ao Real no período. O maior continente comprador do mamão brasileiro continua sendo a Europa, com 91% do total, sendo Portugal e Holanda os principais destinos. Porém, neste ano, produtores têm enviado um bom volume também aos Emirados Árabes Unidos e para o Uruguai, que aumentaram em 372% e 19% as compras, respectivamente, nos primeiros cinco meses deste ano, em relação a 2014.

### Mercado regional está mais atrativo no RN

O preço do mamão havaí no Rio Grande do Norte deve aumentar no início de junho, reflexo pela estabilização da oferta no estado. Em maio, por outro lado, essa variedade teve desvalorização de 18% frente ao preço médio de abril, vendida a R\$ 1,00/kg ao produtor. No mês passado, houve aumento na oferta da variedade havaí na região, ocasionada pelo início da colheita de roças novas e mais produtivas. Além disso, a qualidade não esteve satisfatória devido às chuvas que ocorreram em Natal (RN) em abril e início de maio, o que enfraqueceu a procura pela fruta. As precipitações causaram a redução da eficiência do sistema de fertirrigação do mamoeiro, de modo que a quantidade de nutrientes para a planta foi menor. Com as cotações do mamão em baixa na Ceagesp, produtores potiguares deram prioridade ao mercado regional para as vendas da fruta, onde conseguiram preços mais remuneradores.





## Clima ameno favorece florada em todo o Brasil

### Chuvas aliviam situação em Livramento de Nossa Senhora

A atual oferta de manga está baixa em Livramento de Nossa Senhora (BA). Segundo produtores, a tendência para esta safra é de que não haja grandes picos de produção, com a fruta sendo ofertada de forma escalonada. Em 2014, a distribuição também foi relativamente uniforme ao longo dos meses, com o volume tendo sido prejudicado pela falta de água para irrigação. Conforme o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), em outubro/14, a barragem Luiz Vieira, que abastece os municípios de Rio de Contas, Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio, incluindo o Perímetro Irrigado do Brumado, chegou a registrar menos de 18 milhões de m<sup>3</sup>, se aproximando do nível de segurança da barragem (de 15 milhões de m<sup>3</sup>), quando a água torna-se exclusiva para consumo da população. Naquele cenário, muitos produtores não investiram em seus pomares para a safra de 2015. Como consequência, o volume de manga nos últimos meses está inferior ao de 2014, mas tende a aumentar no segundo semestre. O período de seca na região começou em maio, mas a barragem está com mais de 28 milhões de m<sup>3</sup>, o que significa 23% a mais que o volume registrado em maio/14. Essa maior quantidade de água se deve às chuvas ocorridas entre o final de abril e início de maio. Apesar de a situação hídrica da região ainda não ser confortável, o aumento no nível da barragem deve garantir que a irrigação seja mantida até meados de outubro. Além disso, as chuvas elevaram a umidade do solo, o que facilita a floração espon-

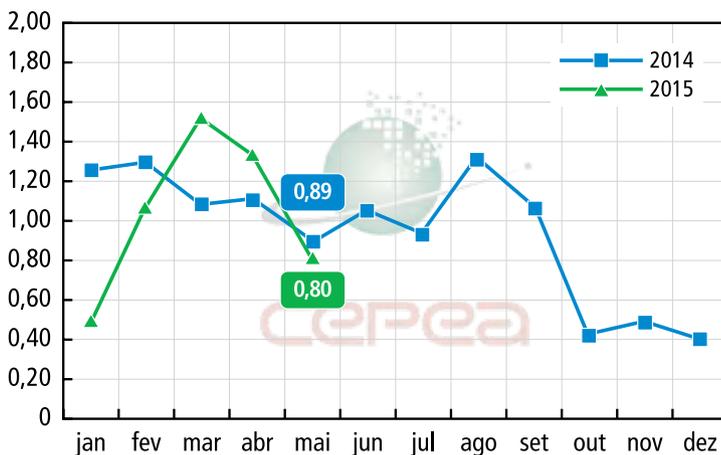
tânea. Assim, produtores esperam que o volume do segundo semestre deste ano supere o do primeiro.

### Floradas começam neste mês em Monte Alto

As floradas espontâneas em Monte Alto/Taquaritinga (SP) devem começar em junho, quando as temperaturas tendem a ficar mais baixas e o clima, seco. Porém, produtores não têm expectativa concreta sobre a safra. Até meados de maio, apenas agricultores que realizaram a indução estavam com seus pomares florindo, mas estes eram minoria na região. Por isso, naquele mês, a maior parte das mangueiras ainda estava apenas vegetando. Apesar de as chuvas nas regiões terem sido consideradas acima da média em maio, mangicultores ainda não relataram problemas fitossanitários nos pomares.

### Oferta de manga foi menor até maio, mas pode crescer no 2º sem

A produção de manga de janeiro a maio deste ano no Vale do São Francisco foi menor que a do mesmo período. A produtividade média da variedade tommy foi 16% inferior, limitando-se a 22 t/ha no período. Produtores, no entanto, acreditam que a oferta pode passar a crescer a partir do final de junho, fundamentados nas floradas espontâneas verificadas em maio. Até o final daquele mês, a qualidade da manga estava satisfatória, mas algumas frutas ainda apresentavam menor calibre, devido ao calor durante o desenvolvimento – início do ano. Quanto aos preços, apesar do volume reduzido nos últimos meses, a demanda interna enfraquecida manteve os valores semelhantes aos verificados no ano passado. No geral, com o mercado brasileiro mais fraco, as exportações têm sido uma alternativa aos produtores que conseguem atender as exigências externas. Segundo produtores, apesar do maior gasto com insumos para que a fruta atinja a qualidade necessária para exportação, o preço recebido pela fruta embarcada ainda compensa. Com o dólar elevado, os envios aos Estados Unidos e à Europa têm sido lucrativos – vale lembrar que a demanda nesta época do ano costuma crescer, por conta do início do verão no Hemisfério Norte.



**Com menor demanda, preço cai no Vale**  
Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepeca





## “COM O AUMENTO DOS CUSTOS, O PRODUTOR DEVE APRIMORAR O MANEJO, FAZER USO RACIONAL DOS INSUMOS E SE EMPENHAR NA NEGOCIAÇÃO”

ENTREVISTA: Carlos Tabajara P. Eloi

Carlos Tabajara P. Eloi é engenheiro agrônomo formado pelo Centro Universitário de Espírito Santo do Pinhal (SP), produtor e comerciante de tomates em Mogi Guaçu (SP).

**Hortifruti Brasil: Constatamos que, nos últimos oito anos, os custos de produção de tomate (por hectare) aumentaram 70% em Mogi Guaçu, enquanto que a inflação no mesmo período subiu 49%. O senhor já tinha essa percepção?**

**Carlos Tabajara P. Eloi:** Sim. Embora nunca tivesse feito esse cálculo, percebo que os custos se elevam ano a ano em ritmo acelerado. Acredito que há um conjunto de fatores para essa aumento dos custos, e que varia de um ano para outro. Por exemplo, em um ano de maior incidência de uma doença, pode haver aumento nos gastos com fungicidas, ou se o dólar sobe, defensivos e fertilizantes se tornam mais caros.

**HF Brasil: Apesar do aumento dos custos de produção, os custos por caixa em Mogi Guaçu recuaram nos últimos oito anos em função do aumento de produtividade (de 3.300 cx/ha para 4.400 cx/ha). O que proporcionou esse ganho no rendimento?**

**Eloi:** Essa melhora possivelmente é explicada pela melhor tecnologia de semente, com variedades mais produtivas e mais resistentes a doenças. Também houve melhora de tecnologia com relação a outros insumos utilizados na produção, como no caso dos defensivos, com moléculas e formulações mais eficientes. Além disso, ao longo desses anos, houve aprimoramento no manejo da cultura.

**HF Brasil: Mesmo com o aumento dos custos de produção por hectare, nossos levantamentos mostram que a receita foi suficiente para cobrir os custos em todos os anos analisados. O senhor concorda?**

**Eloi:** Sim, de forma geral, a receita tem sido positiva. Porém, não é um lucro tão exorbitante, pois os custos têm aumentado. Acredito que isso tenha ocorrido pelos bons preços nos últimos anos, em função da oferta mais controlada, que por sua vez reflete a menor área de cultivo devido à falta de água. Além disso, como o custo se elevou bastante, muitos produtores acabaram deixando a atividade, sobretudo os de menor escala de produção. Até mesmo alguns grandes reduziram área.

**HF Brasil: Produtores de tomate da região vêm se capitalizando nos últimos anos?**

**Eloi:** Sim, a maioria tem se capitalizado. Podemos observar que os produtores têm aumentado patrimônio, comprado fazendas e modernizado suas propriedades

e produção, com o investimento em novos equipamentos e tratores.

**HF Brasil: Verificamos que, de 2013 para 2014, a irrigação por gotejamento passou a representar a maior parte das áreas cultivadas na região. Apesar do elevado custo de investimento para implementação do sistema, o senhor acredita que foi um ganho para a tomaticultura local?**

**Eloi:** Sim. Com o gotejamento, além da economia de água, que foi o principal objetivo que levou à troca, para aqueles produtores que conseguem ter um bom manejo do sistema, há melhora na produtividade e na qualidade da lavoura. Porém, há produtores que têm dificuldade com o uso do gotejamento e, portanto, acabam tendo resultados inferiores aos que tinham. Para esses produtores, a saída é buscar assistência técnica. Quanto ao gasto com a irrigação, é praticamente o mesmo com uma tecnologia ou outra.

**HF Brasil: Qual tem sido a estratégia para um bom retorno da tomaticultura?**

**Eloi:** Acredito que o produtor deve fazer a lição de casa: ter um bom manejo, fazer uso racional dos insumos, buscar por boa produtividade e que consiga comercializar bem a sua produção.

**HF Brasil: A mão de obra é o item que mais tem pesado nos custos do tomate. Como os produtores da sua região têm lidado com isso?**

**Eloi:** Há muita dificuldade em achar mão de obra qualificada. Então, o que os produtores têm feito é buscar estímulos para ter mão de obra de boa qualidade. No meu caso, cada trabalhador cuida de 5.000 mil plantas, e para aqueles que conseguem melhor desempenho, dou uma bonificação extra.

**HF Brasil: Quais suas perspectivas para o setor nos próximos anos?**

**Eloi:** A tomaticultura é um bom negócio, mas, nos últimos anos, se tornou mais difícil produzir tomate, pois além do aumento nos custos de produção, houve corte em algumas linhas de financiamento e seguro. Além disso, questões burocráticas também têm dificultado a produção. Há, ainda, pouco incentivo do governo.



## “EM CAÇADOR, A MARGEM PODE SER MENOR QUE A MÉDIA APONTADA NA PESQUISA”

ENTREVISTA: Aldo Antônio Dal Bosco

Aldo Antônio Dal Bosco é graduado em Ciências Naturais e em Engenharia da Horticultura. É produtor de tomate e de cebola. Filho de produtor de tomate, começou na atividade há mais de 20 anos.

**Hortifruti Brasil:** *Nos últimos cinco anos, os custos de produção de tomate aumentaram 44% na região de Caçador, enquanto que a inflação teve alta de 25%. O senhor e os produtores da sua região já tinham essa percepção?*

**Aldo Antônio Dal Bosco:** Sim. Esse aumento tem sido um dos principais gargalos. Diante disso, o montante financeiro para se cultivar uma área de tomate passou a ser muito maior, o que tornou mais difícil e cara a gestão desse capital de giro, além de o negócio ter se tornado muito mais arriscado, uma vez que não houve um ganho expressivo nos preços. Vários componentes ficaram mais caros e também se intensificou o uso de alguns insumos. A mão de obra tem sido um dos itens mais expressivos dos custos, o que torna a atividade mais difícil para os grandes produtores frente aos pequenos.

**HF Brasil:** *Produtores têm buscado melhores formas de gerenciar os itens que compõem os custos de produção?*

**Dal Bosco:** Eu já faço isso tem algum tempo, mas nas últimas safras venho me preocupando bem mais com essa questão de gestão. Tenho meu fluxo de caixa controlado todo mês. Agora, o montante financeiro para investir em uma área de tomate é muito maior, e a margem tem ficado mais justa.

**HF Brasil:** *Nos últimos cinco anos, a região de Caçador teve um ganho de produtividade de 4% na média da pequena e grande escalas, enquanto que, em Mogi Guaçu (SP), o avanço foi de 10%. Qual a dificuldade de Caçador para obter um aumento mais expressivo na produtividade?*

**Dal Bosco:** Aumentamos a adubação como nunca usamos antes, surgiram muitos produtos diferentes. Porém, os novos produtos não apresentaram resultados expressivos de melhora de produtividade. Acredito até que nossa produtividade teve uma tendência de declínio, e não de melhora. Além disso, outros aspectos também acabaram atuando de forma negativa, como a mão de obra de menor qualidade em função da escassez. Um trabalhador menos qualificado afeta diretamente o desempenho e produtividade. O clima também interfere. Outro ponto de grande importância

que pode inibir o ganho de produtividade é que, antes, trabalhávamos em terras novas, com maior potencial produtivo. Hoje, isso praticamente não existe mais na região. Agora, trabalhamos em áreas onde já havia sido plantado tomate, em solos mais “cansados”. Com terra mais escassa, muita gente se endividou.

**HF Brasil:** *Verificamos que, mesmo com o aumento nos custos de produção, a receita foi suficiente para cobrir os custos em quase todos os anos analisados em Caçador, exceto na safra 2011/12. Na média, os resultados têm sido positivos na região?*

**Dal Bosco:** Acredito que o resultado foi positivo, na média, porém a atividade do tomate não tem sido tão boa como já foi no passado. O aumento acentuado dos custos, com a necessidade de um montante financeiro muito maior vem dificultando a gestão da produção. Com o aumento dos custos, cresceu também a necessidade de se ter um maior capital próprio para custeio. Acho que, embora na média o resultado seja realmente positivo, a margem ficou mais justa do que a observada na *Matéria de Capa* desta edição. Os preços considerados pela Equipe Hortifruti, em geral, são captados no momento da negociação da venda no dia, mas o produtor recebe pelo produto dias depois, muitas vezes, a valores abaixo do captado pelo projeto.

**HF Brasil:** *A mão de obra é o item que mais tem pesado nos custos do tomate. Como os produtores da sua região têm lidado com isso?*

**Dal Bosco:** Não tem muito para onde correr. As exigências por parte do Ministério do Trabalho são cada vez mais severas e temos que cumprir. É difícil conseguir mão de obra de qualidade e, para isso, é necessário aumentar os incentivos financeiros. Não somos mais competitivos na contratação de mão de obra, pois o trabalhador hoje prefere atuar em outras atividades. Então, se estamos em anos de boa rentabilidade, acho justo o trabalhador ser mais bem remunerado. O problema é que, com uma margem estreita, não há como ampliar muito na contratação. Assim, para que se tenham bons trabalhadores atuando na produção, uma das saídas é a redução de área de cultivo com tomate. ■

# Por que se preocupar quando você pode prevenir com Forum®?

# Forum®

Fungicida



### Calendário de Aplicação Forum®

TOMATE	UVA	BATATA
1ª APLICAÇÃO	1ª APLICAÇÃO	1ª APLICAÇÃO
✓	✓	✓
2ª APLICAÇÃO	2ª APLICAÇÃO	2ª APLICAÇÃO
✓	✓	✓
3ª APLICAÇÃO	3ª APLICAÇÃO	3ª APLICAÇÃO
✓	✓	✓
4ª APLICAÇÃO	4ª APLICAÇÃO	4ª APLICAÇÃO
✓	✓	✓

**ATENÇÃO** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA nº 01395.

Forum® no preventivo é a confiança de proteger sua lavoura contra requeima e mildio, independente do clima.

- Ação preventiva em batata, tomate e uva.
- Efeito antiesporulante, menor produção de esporos.
- Rápida penetração, reduz o risco de lavagem pela chuva.

0800 0192 500  
www.agro.basf.com.br

## 150 anos



**BASF**  
We create chemistry

# CONVITE

VISITE A

# Hortifruti<sup>Brasil</sup>

## na 22ª Hortitec!

Setor Azul

### PROGRAME-SE!

## 17 a 19 de junho

Recinto da Expoflora • Holambra/SP

Reserve conosco  
seu convite para a feira!

## 19 3429.8808



APOIO



syngenta

22ª HORTITEC

Uma publicação do **CEPEA USP/ESALQ**  
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)  
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829  
e-mail: [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br)

Mala Direta Postal  
**Básica**  
0000/2012 - DR/XXXXYY  
Cliente  
...CORREIOS...

IMPRESSO

VISITE A

# Hortifruti Brasil

## na 22ª Hortitec!

### PARTICIPE DAS PALESTRAS DE MERCADO!

Convidamos a todos a prestigiar a **Hortifruti Brasil** na 22ª Hortitec, que ocorrerá entre os dias **17 e 19** de junho, no recinto da Expoflora, em Holambra (SP). A equipe de analistas de mercado estará no estande para atender os mais diversos agentes do setor de frutas e hortaliças, com distribuição gratuita de revistas. Nossos pesquisadores também ministrarão palestras sobre o panorama atual e perspectivas do mercado de frutas e hortaliças no estande da Syngenta. Para participar das palestras, entre em contato pelo telefone (19) 3429.8808 ou [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br).



APOIO



syngenta

22ª HORTITEC

# Hortifruti Brasil

Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP  
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)  
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829  
E-mail: [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br)  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)